

Por mais inclusão



FOTOS: FLÁVIO DUTRA/JU

Ações Afirmativas Depois de três reuniões para avaliar a política inclusiva adotada pela Universidade em junho de 2007, o Conselho Univeristário

(Consun) deliberou pela continuidade do Programa de Ações Afirmativas da UFRGS, com a manutenção do percentual de 30% de reserva das vagas para

estudantes cotistas. Os conselheiros também aprovaram a aplicação do Programa por mais dez anos. A votação mobilizou os estudantes, que se concen-

traram no saguão da reitoria portando faixas e cartazes em apoio à permanência da política. A decisão já vale para o vestibular de 2013. **P7**

Ensino na prática desde o começo



Um projeto que envolve 15 alunos de Licenciatura em Artes Dramáticas da UFRGS movimentou professores e estudantes do Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha na capital. Desde 2010, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), realiza oficinas de dramatização e elabora intervenções para as aulas de diversas disciplinas. A iniciativa serviu para revitalizar o Teatro Infantil Permanente, um espaço criado por Olga Reverbel. **P8**



Jornal da Universidade comemora 15 anos com estreia de suplemento especial

CADERNO JU

BIOLOGIA MARINHA

Alunos monitoram baleias francas

Seis estudantes ligados à graduação em Biologia Marinha participam de um projeto que alia pesquisa e educação ambiental: eles estão monitorando as baleias francas que frequentam as praias gaúchas. Os dados obtidos até agora indicam que as baleias estão permanecendo por mais tempo em nossa costa, e reforçam a tese de que a espécie voltou a ocupar seu habitat original. **P5**

REPRODUÇÃO ASSISTIDA

Cápsula metálica facilita fertilização

Um experimento desenvolvido por Adriana Bos Mikich, professora do Instituto de Ciências Básicas da Saúde da UFRGS, poderá ampliar as chances de sucesso dos procedimentos de fertilização *in vitro*. A pesquisadora criou, em parceria com a Engenharia de Materiais da Universidade, uma cápsula metálica capaz de preservar óvulos e tecidos ovarianos por um tempo indeterminado. **P11**

ENTREVISTA

Os planos para a nova gestão



P9

Engenharia

Expansão econômica estimula mudanças no ensino **P6**

América Latina

O que muda com a entrada da Venezuela no Mercosul **P10**

20 de setembro

Lembrar, mais para compreender do que para festejar **P12**

Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

JU: 15 anos de história

Há 15 anos foi criado no espaço universitário o Jornal da Universidade, JU, que nos traz mensalmente matérias que retratam o dia a dia da comunidade universitária, inspirando a reflexão e divulgando a produção acadêmica da UFRGS. Esta é uma edição especial de aniversário, pois comemora os 15 anos de circulação ininterrupta do Jornal que, ao longo deste período, passou por reformulações para chegar com brilhantismo ao atual formato. É um Jornal vitorioso pelo retorno dos seus leitores, pela disputa de cada exemplar que circula e também pelo reconhecimento externo. O periódico recebeu por duas vezes o Prêmio Andifes que reconhece os melhores jornais produzidos por universidades. Grandes e importantes matérias jornalísticas produzidas pelo JU são reeditadas e servem de pautas para outros veículos de comunicação. Um conjunto de entrevistas realizadas foi transformado em livro que hoje serve de base em cursos de Jornalismo.

Lançado com a pretensão de ser um veículo de divulgação da Universidade, o crescente número de leitores na comunidade interna e externa o transformou em espaço privilegiado de debate e de circulação de opiniões, que incentiva e promove os diferentes olhares que compõem a nossa Universidade.

A UFRGS dispõe de importantes e reconhecidos meios de comunicação. A Rádio da Universidade, mais antiga emissora universitária do Brasil, completa 55 anos em novembro sendo referência em todo o país. A jovem UFRGSTV vem demonstrando qualidade e formando novos profissionais com participação no Canal UNIV. E o nosso Jornal, que completa a relação dos meios de comunicação com grande abrangência na comunidade externa, chega aos 15 anos com juventude e energia no registro da vida universitária. Já faz história e assegura seu importante papel na divulgação da Universidade. Esta edição comemorativa inspira uma

ponderação sobre o papel do JU, que deixa de ser passageiro como os tradicionais diários, para, através do seu formato e conteúdo, ser objeto de reflexão, de fortalecimento do diálogo, de formação e de visibilidade daqueles que contribuem para o crescimento de nossa Instituição.

O momento é de reconhecer o esforço e a dedicação e de parabenizar a equipe do JU, que faz circular mensalmente e com qualidade um produto de nossa Secretaria de Comunicação, capaz de retratar com rigor editorial, competência técnica e sensibilidade institucional, as reflexões e o avanço acadêmico da Universidade. Momento para lembrar e prestar o devido tributo àqueles que tiveram a iniciativa de criar o Jornal e os mecanismos para sua continuidade, bem como a todos que integraram, e aos que hoje compõem seu Conselho Editorial. Momento de agradecer aos leitores, destinatários e sujeitos que impulsionam os avanços do JU com suas contribuições, críticas e elogios.

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha,
Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de
Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
Email: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembecke Rosing, Cesar Zen Vasconcelos, Daltro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera
Editora
Ánia Chala
Repórteres
Everton Cardoso, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein
Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira e Kleiton Semensatto da Costa (CADERNO JU)
Diagramação
Kleiton Semensatto da Costa
Fotografia
Flávio Dutra
Revisão
Ánia Chala
Bolsistas
Bibiana Guaraldi, Bruno Cobalchini Mattos, Priscila Daniel e Priscila Kichler Pacheco (Jornalismo)
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e Impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

f /jornaluniversidade
@jornalufrgs

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Parobé

Notei que na edição atual do JU saiu uma matéria sobre acessibilidade para o Parobé, o que muito nos lisonjeia. Ocorre que, certamente por engano, consta que ali funcionava o Instituto Técnico-Profissional Benjamim Constant. Só que o nome correto é Instituto Técnico-Profissional Parobé, em homenagem ao ex-diretor da Engenharia, professor e engenheiro João Pereira Parobé, daí ser hoje chamado simplesmente de Parobé. Criado com foco nos filhos de operários, com suas cúpulas laterais servindo de dormitórios e a central (hoje auditório) então como refeitório e sala de música, teve todos os gradis, incluindo suas artísticas portas forjadas realizadas nas oficinas da própria Escola de Engenharia, ao contrário da cobertura das cúpulas, de chapas de cobre importadas, engalanando o belíssimo prédio de estilo neoclássico, de inspiração plenamente positivista.

► **Julio Cesar Gaudioso, diretor do Museu do Motor - DEMEC/EE/UFRGS**

Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS



Décadas de 1970-80

Em meio às tumultuadas décadas do século passado, as concentrações estudantis defronte ao prédio que abrigava a antiga Faculdade de Filosofia foram a marca registrada do espírito de uma época. Período em que ser estudante universitário era sinônimo de engajamento político e de crítica a um governo de exceção.

Artigo

Galeno Lacerda - mestre do verdadeiro Direito

Professor catedrático de nossa Faculdade de Direito, doutor por Coimbra, eminente advogado, desembargador do Tribunal de Justiça, Galeno Vellinho Lacerda faleceu em 25 de junho, aos 89 anos de idade, tendo dedicado sua vida ao estudo, à reflexão, a ensinar, a escrever, a viver intensamente como professor, juiz e causídico, sempre patrocinando causas justas.

Como docente, tanto de direito como de filosofia, demonstrava uma vocação ímpar para o magistério ao transmitir seus conhecimentos. Em suas aulas pontificava com entusiasmo, de modo contagiante, defendendo suas ideias de ímpar doutrinador jurídico e de profundo conhecimento filosófico.

Não lhe bastava ensinar; ia muito além: demonstrava a seus alunos a importância de defender com paixão as ideias assimiladas, notadamente as entendidas como fundamentais para alcançar a verdadeira justiça – a grande finalidade procurada pela doutrina, pelos códigos e pela jurisprudência. Nunca abandonou os princípios gerais do direito, da equidade e da função legislativa. Nunca foi um praxista, nunca se preocupou demasiadamente com a dogmática.

Sua vocação levava-o ao exame mais profundo das matérias que tratava. Procurava desvendar a essência da natureza do direito, os princípios fundamentais da ordem jurídica e uma perfeita direção axiológica. O Direito Comparado fornecia-lhe um extraordinário cabedal harmonizador das normas jurídicas.

Não se limitava a ensinar o conteúdo de leis, códigos, jurisprudência e doutrinas. Ingressava na *mens legis*, na *ocasio legis*, na estrutura das normas e do universo jurídico, tudo com fundamental apoio sociológico e filosófico.

Foi o grande seguidor do catedrático de Direito Processual Civil em nossa Faculdade, professor João Bonumá, além de companheiro permanente nos mais aprofundados estudos de Processo Civil do insigne Eduardo Couture, na época, o mais renomado docente da matéria na América do Sul, com ele ombreado em conhecimentos e na elaboração doutrinária.

Formou, com eminentes mestres na Faculdade de Direito da UFRGS e também na PUCRS, uma verdadeira academia de mestres. O pensamento jurídico dos que ensinaram o Direito à nossa geração ia muito além da reprodução de saberes puramente jurídicos. Era

essa a orientação dos então professores, colegas de Galeno, o mais jovem de todos: Armando Câmara, Mem de Sá, Elpidio Paes, Darcy Azambuja, Salgado Martins, Francisco Brochado da Rocha, Eloy José da Rocha, Ney Messias, José Luiz Martins-Costa (nosso paraninfo) e tantos outros mestres. A linha de atuação desses eminentes mestres direcionava-os marcadamente no aprofundamento do estudo do Direito.

Deixou uma herança jurídica brilhante, a começar por sua defesa de tese, o incomparável *Despacho Saneador* (ed. 1953) em que aprofunda sua teoria sobre o processo civil, abrindo de forma pioneira em nosso país a doutrina sobre as condições da ação e os pressupostos processuais. Nessa época, bem moço, formado que fora em 1943, já lecionava na Faculdade de Direito. Após, já como catedrático, continuou lecionando, tanto na cadeira de processo civil, como, na PUCRS, onde também proferia aulas de filosofia. Igualmente consideráveis sua *Teoria Geral do Processo*, os *Comentários ao Código de Processo Civil* e a abordagem sobre *Nulidades Processuais*. Quando atuou no Tribunal de Justiça, ao ser nomeado Desembargador, a todos encantou ao abordar o *Sobre Direito Processual*,

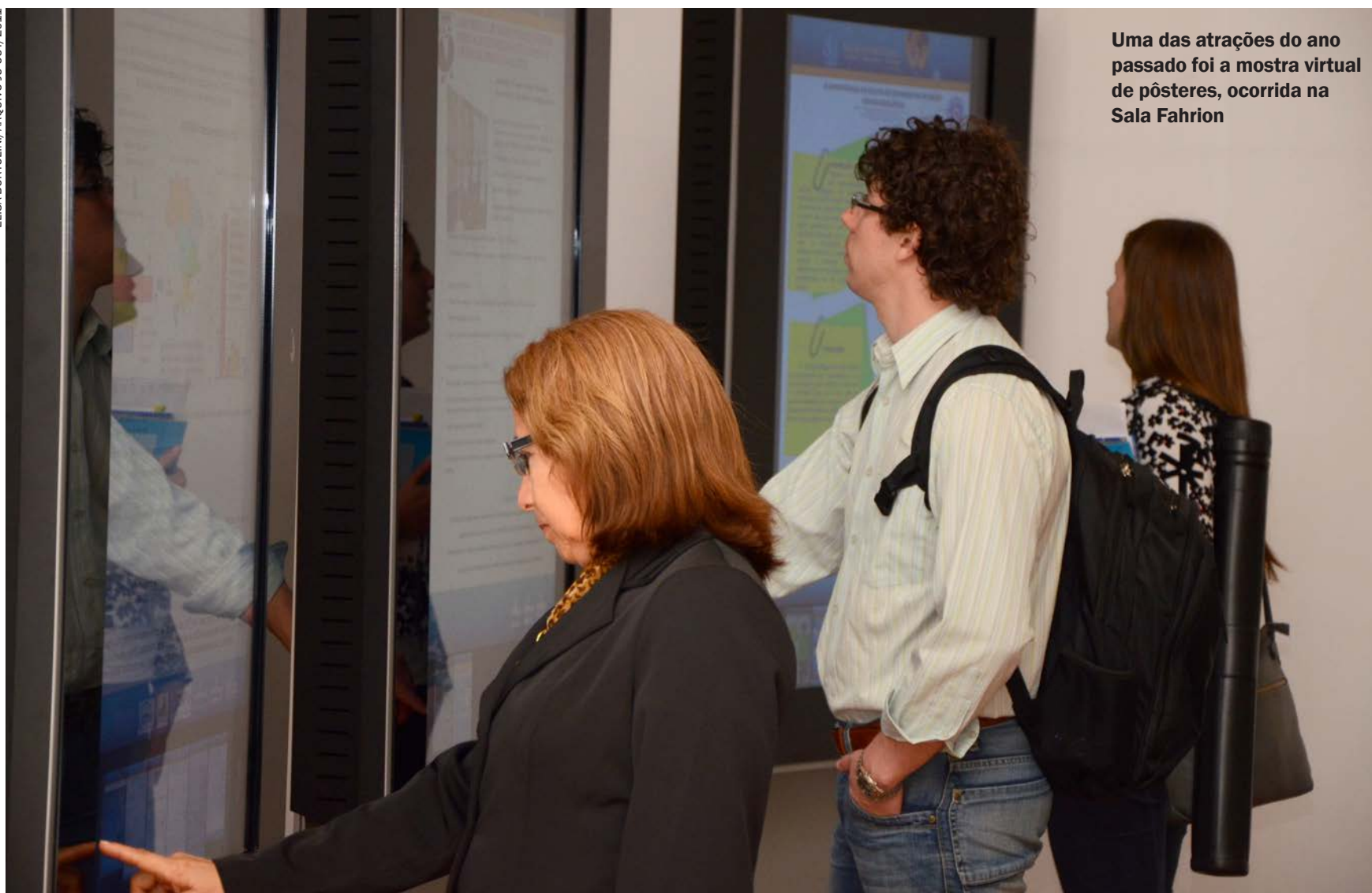
com as inovações doutrinárias informando a atuação jurisdicional. Na década de 80, atuou na maior Corte Estadual, lá deixando sua marca de magistrado e professor extraordinário.

Galeno Lacerda, além de obras de direito e, principalmente, as de cunho processual, sua mais notável paixão jurídica, inspirado por sua cultura universal, científica e filosófica, deixou-nos também um extraordinário estudo sobre a Terra, sob o título *O Planeta Azul-Celeste* (GZ Editora), editado ao tempo em que completava 87 anos de idade, obra nascida de sua enciclopédica e ilimitada cultura.

Somente os grandes mestres, como os que sempre contamos em nossa Faculdade de Direito, conseguiram transmitir tão bem a seus discípulos o verdadeiro amor pelo direito humanista, assimilado por seus alunos como a real e final missão a ser consagrada nos mais diversos campos do universo jurídico.

Marco Aurélio Costa Moreira de Oliveira
Desembargador e professor aposentado da
Faculdade de Direito da UFRGS

ELISA BORTOLINI/ARQUIVO JU OUIT/2011



Uma das atrações do ano passado foi a mostra virtual de pôsteres, ocorrida na Sala Fahrion



Engenharia pré-histórica

As pesquisas do Projeto Paleotocas

“Toca dos índios”. Assim era chamada a grande caverna que virou ponto turístico em Boqueirão do Leão, no interior do estado. Era. Após os trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelo projeto Paleotocas da UFRGS, já se pode creditar corretamente os autores deste enorme complexo de túneis. A toca não é mais conhecida como obra dos índios que habitavam a região, e sim admirada como uma paleotoca construída por gigantescos animais pré-históricos.

“As paleotocas são túneis que eram usados como abrigo por animais pré-históricos”, explica Heinrich Frank, geólogo da UFRGS e coordenador do Projeto Paleotocas. Para o pesquisador, tocas como a encontrada em Boqueirão do Leão teriam sido escavadas por tatus ou preguiças gigantes há milhares de anos: “Com certeza esses túneis têm mais de 10 mil anos, pois a megafauna que os criou extinguiu-se por volta desse período”, completa Frank. No município do Vale do Rio Pardo, a repercussão do projeto acabou se refletindo no turismo. “Resolvemos incluir uma visita guiada à paleotoca nas nossas atividades turísticas”, declara a turismóloga Diuly Cristina Mahler.

O projeto, que inicialmente explorou túneis naturais da região metropolitana de Porto Alegre, está se espalhando pelo interior gaúcho e descobrindo abrigos pré-históricos também na região sul de Santa Catarina. Frank diz que um dos grandes desafios enfrentados pelo grupo é encontrar novas tocas a serem estudadas. “Você precisa das informações das pessoas para chegar a uma paleotoca. Você tem de perguntar na região: ‘quem conhece aquela caverna?’”, relata o geólogo. “Então é um processo de garimpagem, e através dele, nós já conseguimos encontrar paleotocas que, somados os seus comprimentos, estão chegando a 2km de túneis escavados por mamíferos pré-históricos”, acrescenta.

As pesquisas realizadas pelo Projeto Paleotocas agregam conhecimento científico ao saber popular. Locais que eram chamados de toca ou gruta dos índios hoje são conhecidos como abrigos de animais pré-históricos. “A divulgação do trabalho de pesquisa, além de provar que a toca não foi escavada pelos índios, nos permite ter uma consciência maior de preservação dessa área, o que é positivo para a cidade”, conclui Diuly.

*Marcelo Oliveira, estudante do 3.º semestre de Jornalismo na Fabico

Assista ao programa

Conhecendo a UFRGS - Projeto Paleotocas vai ao ar no dia 25 de setembro, às 20h (com reprise às 23h), pela UNITV, no canal 15 da NET POA.

Universidade por inteiro

Salão UFRGS

Evento que reúne ensino, pesquisa e extensão mostra projetos desenvolvidos à sociedade

Será possível fazer o universo caber dentro da casca de uma noz? E mais: será concebível usar essa casca como metáfora para explicar temas tão complexos quanto o universo? Essas questões traduzem a abordagem que o físico britânico Stephen Hawking usa em um de seus livros mais conhecidos – *O universo numa casca de noz*. Na obra, o cosmólogo e matemático diz querer compartilhar sua “excitação pelos descobrimentos que se estão realizando”, mas sem parecer demasiado científico. Hawking também afirma sua certeza de que a mente humana é capaz de explorar o universo e “chegar onde os protagonistas de *Jornada nas Estrelas* [sериado americano de ficção científica dos anos 60] temeriam ir”, mesmo reconhecendo as limitações físicas dos homens.

Na visão do cientista, o conhecimento produzido pela ciência gera descobertas que modificam antigas crenças, dando origem a uma forma de compreender o universo, ainda que de maneira limitada. Para aproximar seu discurso do público leigo, ele relaciona os fenômenos cósmicos e físicos a situações do cotidiano. Por exemplo, diz que o universo é um cassino onde um número infinito de dados é jogado simultaneamente. Isso para explicar a existência de múltiplas histórias simultâneas que se cruzam. Além disso, compara a expansão infinita do universo à indesejada inflação de preços. A preocupação em dar acesso ao conhecimento não é exclusiva de Hawking.

Seguindo a linha proposta pelo pesquisador inglês, a Universidade realiza, de 1.º a 5 de outubro, o Salão UFRGS, que irá reunir diferentes setores com o propósito de mostrar o trabalho desenvolvido à comunidade.

Conforme explica a designer gráfica Rosâne Vieira, da Secretaria de Comu-

nicação Social, a obra de Hawking foi uma de suas principais referências para a concepção da identidade visual do Salão. Duas eram as ideias centrais: universidade de classe mundial; e as redes sociais e as novas tecnologias. A partir dessas diretrizes, ela criou uma logomarca que, tal qual a proposta de Hawking, procura chegar a uma metáfora para explicar o universo da UFRGS.

No elemento visual criado por Rosâne é possível identificar um conjunto de linhas que compõem uma espécie de geodésica, estrutura que se assemelha ao globo do Epcot Center, na DisneyWorld, nos Estados Unidos. Durante o evento, estandes no formato dessa estrutura serão vistos no Câmpus Central da Universidade, abrigando serviços e atividades. Vai ser como ter globos terrestres pousados, numa referência à sociedade em rede. Circundam o elemento central da logomarca três palavras que têm servido de norte ao Salão UFRGS desde a edição de 2011, quando surgiu o formato atual: formação, conhecimento e inovação.

Ciberconfluência – Esta é a segunda vez que ocorrem simultaneamente os tradicionais salões: Ensino, Iniciação Científica, UFRGS Jovem, Extensão e Relações Internacionais; e as feiras de Ensino e Popularização da Ciência (Fepop) e de Iniciação e Inovação ao Desenvolvimento Tecnológico (Finova).

De acordo com o pró-reitor de Coordenação Acadêmica da UFRGS, Rui Oppermann, uma das novidades deste ano é a realização de atividades no Câmpus do Vale. A intenção é dar mais oportunidade de participação à comunidade que circula por aquele local.

Além disso, o pró-reitor destaca a realização de duas conferências: a primeira vai marcar a abertura do evento, em 1.º de outubro às 17h, e terá como tema as universidades de excelência e classe mundial. Na avaliação de Oppermann, essa é uma questão que incide sobre o dia a dia de quem está envolvido com a UFRGS. “Entendemos que essa projeção internacional é fundamental para que possamos crescer ainda mais”, destaca. A outra conferência, no encerramento – também às 17h, mas no dia 4 de outubro –, trará para discussão o tema das novas tecnologias e o comportamento humano. “Esse painel vai discutir como as redes sociais influenciam nosso cotidiano, nosso ensinar e aprender, as relações entre professores e estudantes

e entre cidadãos”, explica. E acrescenta: “O grande mérito é que a universidade se olha por inteiro nesse período. É uma oportunidade de se apresentar à sociedade como um todo”.

Entre as atividades que compõem o Salão, Rui Oppermann destaca o Salão UFRGS Jovem – o “Salãozinho”, como usualmente é referido de forma afetiva. “É uma das maneiras de estimularmos a qualificação daqueles que no futuro serão nossos universitários”, justifica.

Para o vice-pró-reitor de Pesquisa, Bruno Cassel, essa é uma atividade de cunho científico-tecnológico-cultural em que serão expostas pesquisas realizadas na educação básica e na educação profissional técnica de nível médio. Com os objetivos de aproximar comunidade escolar e universidade, incentivando a investigação científica nas escolas, é conferido o troféu Destaque UFRGS Jovem Pesquisador a um aluno ou orientador de um trabalho. No ano passado, cerca de 4.500 pessoas participaram das atividades do “Salãozinho”.

Uma das novidades desta edição serão as atividades no Câmpus do Vale

O mais antigo dos salões organizados pela Universidade, o de Iniciação Científica, está em sua vigésima quarta edição. O vice-pró-reitor de Pesquisa espera pouco mais de 2.500 trabalhos de alunos investigadores, que serão expostos em forma de pôster virtual e impresso e de apresentação oral. Dentre esses, alguns serão indicados para concorrer ao prêmio Jovem Pesquisador.

Ciência para todos – Na mesma linha de divulgação do conhecimento produzido na UFRGS, acontecerá a Feira de Ensino e Popularização da Ciência (Fepop). Segundo Bruno Cassel, o objetivo é divulgar os projetos voltados à popularização e à difusão da ciência e tecnologia que acontecem na Universi-

dade. Na feira deste ano, há 39 trabalhos inscritos e estima-se um público de aproximadamente 600 pessoas.

Jaqueline Barcellos, da Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico, informa que a Feira de Iniciação e Inovação ao Desenvolvimento Tecnológico (Finova) abrangerá uma exposição de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores da Universidade com o auxílio dos bolsistas de Iniciação Tecnológica. Em 2011, foram 60 apresentações e, neste ano, a perspectiva é que haja cerca de 120 participantes. “Esse aumento se deve ao crescimento do número de bolsas de Iniciação Tecnológica da Instituição, concedidas pelo CNPq, FAPERGS e UFRGS”, explica.

O Salão também abriga eventos de Ensino, de Extensão e de Relações Internacionais. Neste último, Maria Inês Nardi, vice-secretária de Relações Institucionais e Internacionais, ressalta que haverá alunos e professores representantes dos cinco continentes. Entre as metas do evento está integrar o aluno internacional à Universidade, criando um espaço de promoção da pluriculturalidade.

Para possibilitar momentos de reflexão e discussão sobre o fazer extensionista, a Pró-reitoria de Extensão da UFRGS organiza também o seu salão. Conforme a pró-reitora Sandra de Deus, a novidade deste ano são as tertúlias, momentos de compartilhar experiências e opiniões com a participação de universidades convidadas.

Finalmente, acontece ainda o Salão de Ensino – organizado conjuntamente pelas Pró-reitorias de Graduação e de Pós-graduação e pela Secretaria de Ensino a Distância (EAD). No evento, haverá apresentações de relatos, exposição de pôsteres, mostra virtual com displays interativos, além de colóquios e oficinas, enfatiza o pró-reitor de Pós-graduação, Aldo Lucion. De acordo com Valquíria Bassani, pró-reitora de Graduação, o objetivo dessas atividades é atrair cada vez mais participantes e oferecer um espaço para a apresentação e discussão das propostas de ensino. Entre os destaques, as ações de inovação em EAD. “Divulgar os resultados das pesquisas e das práticas criativas nesse campo permite ampliar as discussões e aproveitar a experiência acumulada na implementação de novos projetos educativos”, justifica Silvestre Novak, vice-secretário de Educação a Distância.



Diversidade cultural e desafios acadêmicos

José Vicente Tavares dos Santos*
Edilson Nabarro**

A aprovação da Política de Ações Afirmativas na UFRGS pelo Conselho Universitário (Consun), em sessão do dia 10 de agosto de 2012, consolidou o compromisso social da Universidade enquanto propulsora de políticas públicas destinadas a promover a inclusão de grupos sociais e étnicos sub-representados no universo estatal de benefícios e acesso as oportunidades.

Participando de um conjunto significativo de Instituições de Ensino Superior que adotam algum modelo de Ação Afirmativa, a Universidade converge com os esforços do Estado Brasileiro no sentido de reduzir as desigualdades sociais e culturais da nossa sociedade.

Os cinco anos de vigência do Programa de Ação Afirmativa possibilitaram o ingresso em todos os cursos da UFRGS de 5.797 estudantes egressos de escolas públicas e de 1.445 estudantes autodeclarados negros egressos de escolas públicas. Trata-se de um conjunto de jovens que dificilmente ingressaria em uma universidade pública sem o justo auxílio dessa modalidade de medida compensatória.

A aprovação da continuidade do Programa por um prazo de 10 anos foi resultado de um amplo debate, primeiro pela Comissão Especial do Consun, em 21 reuniões, incluindo uma série de audiências públicas com representantes dos movimentos sociais dos negros, dos indígenas, com representantes institucionais da SEC, do Ministério Público Federal e de entidades representativas dos estudantes, técnicos administrativos e professores da UFRGS. As várias contribuições foram sintetizadas em uma proposta aprovada na Comissão Especial, por maioria de seus membros, e encaminhada à apreciação do Conselho. Desta avaliação, refinada pelos adendos e

modificações apresentados no plenário do Consun, resultou a aprovação da continuidade da Política de Ações Afirmativas da UFRGS, com importantes alterações. Trata-se de uma decisão que reflete a compreensão da experiência do período anterior, e avança inovadoramente do ponto de vista de sua institucionalização universitária.

A unânime decisão do Supremo Tribunal Federal reconhecendo a legalidade, constitucionalidade e necessidade das cotas raciais na UFRGS, estabeleceu um cenário político e institucional que contribuiu para a compreensão do mérito das ações afirmativas. Atualmente, mais de uma centena de Instituições de Ensino Superior Públicas do país adotam alguma modalidade de ação afirmativa para os ingressantes. Recentemente, o Senado aprovou um Projeto de Lei com características semelhantes.

No âmbito interno, cabe ressaltar um anônimo e ingente esforço de vários docentes e técnicos administrativos, das COMGRADS, do Fórum das Ações Afirmativas, das Comissões de Acompanhamento dos cotistas e dos indígenas e dos órgãos da Administração Central, incluindo o permanente apoio do reitor e do vice-reitor, que produziram análises e monitoraram o desempenho das ações afirmativas nos últimos cinco anos.

As dificuldades, os preconceitos e as discriminações pouco a pouco foram sendo superadas por uma consciência coletiva de que uma grande Universidade somente poderá progredir incluindo a diversidade social e cultural em seu cotidiano.

Junto a tais esforços houve a reconhecida tenacidade dos estudantes cotistas e sua capacidade de superar inúmeros déficits e obstáculos, todos reafirmando seu orgulho em participar da UFRGS. Relatórios produzidos pelas Comissões de Acompanhamento do Programa de Ação Afirmativa e de

Acesso e Permanência dos Estudantes Indígenas avaliaram rigorosamente o Programa, recomendando sua continuidade e sugerindo uma série de medidas para seu aperfeiçoamento.

Ao mesmo tempo, a permanente interlocução com as organizações vinculadas aos estudantes, ao movimento social negro e ao movimento das nações indígenas, foi fundamental na defesa intransigente dessa política de inclusão.

Os resultados positivos alcançados, sem esquecer o muito ainda a ser obtido, ajudaram a alicerçar a construção de uma consciência acadêmica sobre o valor que a diversidade étnica e cultural possui para o ambiente universitário.

Fruto de um amplo debate democrático no âmbito da Comissão Especial e depois no Consun, no qual um diversificado conjunto de proposições foi apresentado e discutido, a Proposta Aprovada (Decisão n.º 268/2012), reafirmando os princípios fundamentais da Decisão de 2007, afirma solenemente:

“Art. 1º - Fica instituído o Programa de Ações Afirmativas, através do Ingresso por Reserva de Vagas para acesso a todos os cursos de graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, de candidatos egressos do Sistema Público de Ensino Fundamental e Médio e de candidatos egressos do Sistema Público de Ensino Fundamental e Médio autodeclarados negros e candidatos indígenas”.

Entre os objetivos desta política, está “promover a diversidade étnico-racial e social no ambiente universitário”, e ampliar “a educação das relações étnico-raciais”. Houve a ampliação do tempo de vigência da Política de Ações Afirmativas por 10 anos, com

a atribuição de 30% das vagas anuais a candidatos egressos de escolas públicas, com a vinculação das cotas sociais – egressos de escolas públicas – às cotas raciais – egressos de escola pública autodeclarados negros. Foram, ainda, disponibilizadas 10 vagas para estudantes indígenas, extra vestibular, em cursos a serem definidos a cada ano, ouvidas as nações indígenas.

Também foi aprovada a criação de um novo ente institucional, a Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas, indicada pelo reitor (constituída por um coordenador, um vice-coordenador e por um Conselho Consultivo formado por representantes dos professores, alunos e técnico-administrativos da UFRGS; representantes das oito áreas de conhecimento da Universidade; e representantes da sociedade civil ligados às ações afirmativas).

A criação dessa coordenadoria significa uma importante inovação com o intuito de desenvolver ações visando ampliar a difusão da Política de Ações Afirmativas da UFRGS na sociedade, produzir avaliações sistemáticas e realizar programas e ações para assegurar a permanência dos estudantes, mediante o acompanhamento de suas dimensões humanas e acadêmicas, a fim de possibilitar, enfim, um encadeamento dinâmico entre as políticas de ingresso e as de permanência.

A ênfase dada à política de permanência indica um novo ciclo inclusivo das Ações Afirmativas, pois incluem a preservação e o alargamento do atual programa de benefícios assistenciais mantidos pela Secretaria de Assistência Estudantil aos alunos em vulnerabilidade econômica, bem como de ações acadêmicas que visem melhorar o rendimento escolar dos estudantes em geral e dos cotistas em particular.

A valorização das vagas conquistadas pelos beneficiários das medidas compensatórias implica em garantir

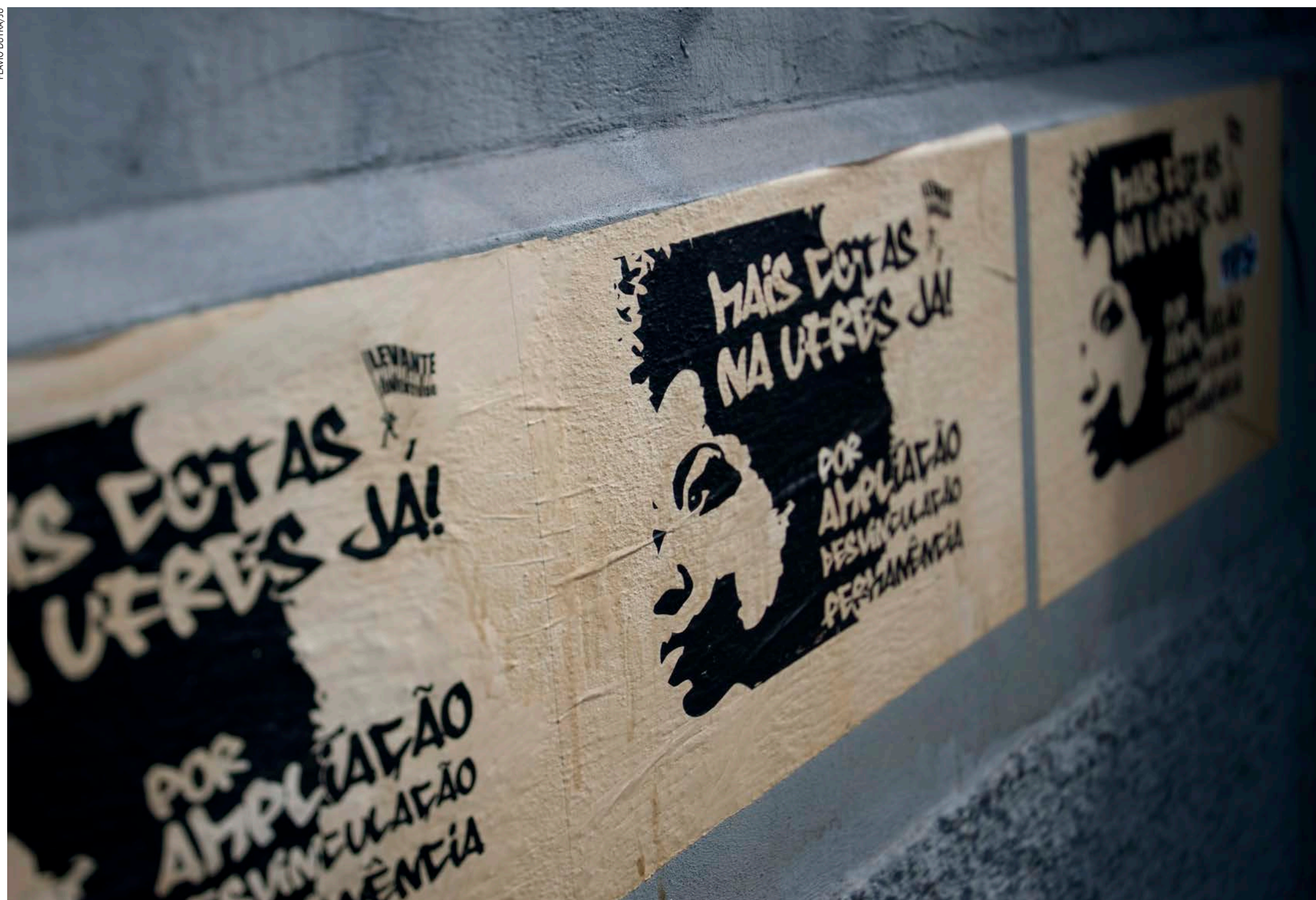
sua permanência nos seus respectivos cursos, privilegiando o regular desenvolvimento e rendimento escolar com vistas à diplomação. Ou seja, a necessária redução dos índices de retenção e evasão que as avaliações identificaram encontrou uma configuração conceitual e adequada pela Política de Ações Afirmativas da UFRGS em seu próximo período.

A nova possibilidade de ingresso de cotistas nas Universidades Federais – estratégia vinculada à histórica superação do preconceito e racismo da sociedade brasileira – não está dissociada da expectativa de obtenção por parte dos estudantes do capital escolar capaz de reduzir as desigualdades econômicas, a fim de potencializar a mobilidade social e o reconhecimento cultural daqueles oriundos de escolas públicas, entre os quais os estudantes negros.

O conjunto de iniciativas expressa a convicção de que as medidas compensatórias necessitam de prazo adequado e de ambiente institucional propício para produzir, seja o aumento do número de estudantes beneficiados, seja a permanência adequada desses estudantes, mediante um programa de acompanhamento até a conclusão do ensino superior.

Aprovando a Política de Ações Afirmativas, a UFRGS situa-se no nível das grandes universidades dos Estados Unidos – como Harvard, MIT (Massachusetts Institute of Technology) e Universidade do Texas, em Austin – as quais há muito perceberam que a diversidade cultural é um portal para novos patamares do processo civilizatório na contemporaneidade.

* Professor de Sociologia do IFCH e presidente da Comissão de Avaliação das Ações Afirmativas
** Secretário de Assistência Estudantil e vice-presidente da Comissão de Avaliação das Ações Afirmativas





Baleias são bem-vindas



Baleias francas deslocam-se desde locais como a Península Valdés, na costa argentina, chegando ao litoral gaúcho e de Santa Catarina no início do inverno e partindo no final da primavera

Preservação

Alunos da UFRGS criam projeto que alia pesquisa e educação ambiental para monitorar as baleias francas

O encalhe de uma baleia há cerca de dois anos na praia de Capão da Canoa chamou a atenção do aluno do curso de Biologia Marinha Thiago Lisboa, que percebeu que a população estava pouco preparada para lidar com situações como aquela. Ao conversar com o ambientalista José Truda Palazzo Jr., surgiu a ideia de criar um projeto para conhecer melhor os hábitos desses animais e contribuir para a sua conservação. Tudo não passava de uma proposta até o início deste ano, quando um derramamento de óleo ocorrido em Tramandaí motivou uma manifestação de alunos do curso de Biologia Marinha que, como Thiago, queriam fazer algo a respeito. Assim nasceu o Baleias do Rio Grande do Sul.

O projeto integra a pesquisa “Estudo das variáveis ambientais (naturais e antrópicas) visando ao gerenciamento costeiro integrado de praias do litoral gaúcho”, realizada em parceria entre o Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (Ceclimar) e o

Centro de Estudos de Geologia Costeira e Oceânica (CECO) da UFRGS. O grupo tem como objetivo analisar o padrão de ocorrência e distribuição das baleias francas no litoral norte gaúcho. Segundo o também aluno de Biologia Marinha Pedro Soprana, “as informações obtidas no estudo servem para dar subsídio à conservação da espécie e do ambiente costeiro, e incentivar o turismo sustentável na região”. Para Thiago, compartilhar o conhecimento adquirido é o mais importante: “Só por meio do conhecimento é que se consegue a conservação, então queremos levar a todas as pessoas o esclarecimento sobre as baleias. Pois somente se pode colaborar para a preservação na medida em que se souber que esses animais existem aqui na nossa costa, e os problemas que eles enfrentam”, complementa.

Carência de equipamentos – Por enquanto, a atuação do grupo consiste no monitoramento das baleias para conhecer a distribuição, o comportamento e a sazonalidade da espécie no litoral norte. Este trabalho é feito a partir de alguns pontos determinados pelos estudantes, geralmente plataformas de pesca e guaritas de salva-vidas, onde esses animais têm sido vistos com alguma regularidade. Thiago explica que não há um modelo fixo, “como a costa é muito grande, a gente não tem como ficar só num lugar, esperando elas passarem por ali, por que as baleias podem estar em qualquer lugar”.

Integram a equipe seis estudantes de Biologia Marinha, que realizam o

monitoramento das baleias francas por terra, dentre eles Thiago Lisboa, também responsável por coordenar o trabalho de campo e o monitoramento, e Pedro Soprana, que cuida da divulgação e do gerenciamento de atividades relacionadas ao projeto. O professor Jair Weschenfelder, diretor substituto do CECO e coordenador da pesquisa, garante o apoio técnico ao grupo, que é coordenado pela bióloga Audrey Amorim e conta ainda com a participação de Truda, vice-presidente do Instituto Augusto Carneiro, e integrante da Comissão Internacional da Baleia.

Trabalhando voluntariamente no projeto, o maior problema enfrentado pelos estudantes é a falta de equipamentos para fazer as avistagens. Sem um espaço para realizar reuniões e guardar os materiais utilizados na pesquisa de campo, os estudantes costumam se reunir nas salas de aula ou no Ceclimar. Além disso, o grupo dispõe de apenas dois binóculos, equipamentos essenciais para a realização das avistagens por terra – um deles pertence a uma das integrantes e o outro foi adquirido por meio do Instituto Augusto Carneiro. Pedro conta ainda que “transporte é um dos grandes problemas, pois deixamos de fazer um trabalho mais completo em outras partes do litoral por falta de um veículo. Para monitoramentos próximos a nós, utilizamos nossas bicicletas”.

Apesar das dificuldades, os estudantes são unânimes ao afirmar que participar de uma pesquisa de tamanha importância, ainda na graduação, compensa o esforço. Conforme Pedro, a experiência

“é difícil de explicar, pois envolve admiração e amor aos animais. Sem contar que trabalho na área que pretendo seguir, de pesquisa e conservação de baleias. Então, estar envolvido nisso é uma janela que se abre para um futuro promissor”. Thiago acrescenta ainda que o trabalho no projeto “é muito positivo dentro do curso, porque dá um norte. Estamos saindo da teoria e colocando em prática os conhecimentos que adquirimos em sala de aula. Aí a gente começa a perceber que está tudo mais ou menos interligado”.

Estadia prolongada – Animais dóceis de hábitos costeiros, as baleias francas (*Eubalaena australis*) foram quase dizimadas pela caça comercial praticada durante cerca de 400 anos no Hemisfério Sul. Em suas migrações sazonais realizadas entre áreas de alimentação no Polo Sul, onde permanecem durante o verão, e as áreas de reprodução nas águas tropicais do Hemisfério Sul, onde vão para acasalar, parir e amamentar seus filhotes durante o inverno e o início da primavera, a espécie ocupava originalmente uma faixa da costa brasileira que ia do Rio Grande do Sul à Bahia.

Na década de 70, quando chegou à beira da extinção, essa espécie de baleias raramente era avistada em nossa costa, e a população original, estimada em 80 mil indivíduos, foi reduzida para aproximadamente 7 mil, segundo dados do início da década de 80. A maior concentração desses animais no litoral brasileiro se dá em Santa Catarina, que possui uma costa recortada e com águas calmas, ideal para o período reprodutivo da espécie. Entretanto, nos últimos anos, percebeu-se a ocorrência desses animais em outras áreas, como a costa gaúcha.

Truda participou da equipe de voluntários que, em 1981, redescobriu a população de baleias sobreviventes em Santa Catarina, e conta que “com as medidas de proteção adotadas desde aquela época, essa população vem se recuperando gradualmente. Isso quer dizer que, não apenas mais animais passarão a ocupar mais áreas da costa, mas também que a tendência é termos baleias francas por mais tempo na nossa costa, chegando no início do inverno e indo embora no final da primavera ou começo do verão”.

Segundo Audrey Amorim, que trabalhou por mais de dez anos com a espécie no litoral de Santa Catarina, ainda não se pode falar em resultados do projeto Baleias do Rio Grande do Sul, pois esta

Como colaborar com o projeto

Quem enxergar uma baleia na costa gaúcha pode colaborar com o grupo comunicando a avistagem. Segundo Thiago, “até pelo tamanho do litoral, a gente não tem como monitorar todos os lugares ao mesmo tempo, então é bem importante essa participação”. Ele conta que os frequentadores das praias, que nesta época do ano são principalmente pescadores, surfistas e os próprios estudantes de Biologia Marinha, têm ajudado no monitoramento. “O pessoal é bem receptivo, as baleias têm um apelo muito grande e, tanto os pescadores quanto o pessoal da Universidade, estão bem empolgados”, diz ele.

Para receber os relatos sobre as avistagens, o Projeto Baleias do Rio Grande do Sul disponibiliza três números de telefone de diferentes operadoras (Tim, Oi e Claro, respectivamente): (051) 8271-0133, (051) 8499-2198, e (051) 9255-8188. Basta ligar e informar o local, horário, nome de quem realizou a avistagem e, se possível, o número de animais observados. Quem conseguir fotografar as baleias, pode enviar a imagem para o email do projeto: baleiasdors@hotmail.com.

Turismo: um aliado incomum

Será possível utilizar o turismo, normalmente encarado como vilão pelos ambientalistas, como um aliado na preservação da vida marinha? Sim, esta é a proposta do projeto Baleias do Rio Grande do Sul, promover o turismo sustentável de observação de baleias francas como forma de divulgar informações a seu respeito, bem como sobre outros cetáceos e seus ecossistemas.

Para o ambientalista José Truda Palazzo Jr., este seria o diferencial do projeto em relação a outros desenvolvidos na região. “O projeto tem um sentido de conservação, sobretudo, e de geração de emprego e renda pela promoção do turismo de observação de baleias na baixa temporada turística do nosso

litoral” – um fator relevante, visto que esta atividade gera mundialmente cerca de 1 bilhão de dólares por ano. Ele ressalta ainda que, antes de esta modalidade de turismo ser posta em prática, é necessário um trabalho de pesquisa: “É preciso, por um lado, aprimorarmos o conhecimento sobre as áreas de concentração e frequência de avistagens das baleias, e por outro, divulgar essa presença entre autoridades e população para que as baleias francas passem a ser vistas como patrimônio natural e turístico daqui, da mesma forma como foi feito em Santa Catarina nos anos 90 e que hoje vem rendendo bons frutos”.

O exemplo catarinense citado por Truda é a cidade de Imbituba, onde o Projeto Baleia Franca, do qual ele e

Audrey já participaram, incentiva e orienta o ecoturismo na Área de Preservação Ambiental (APA) do município. A costa de Imbituba apresenta condições muito favoráveis para o acasalamento, o nascimento dos filhotes e o período de amamentação das baleias francas, motivo pelo qual é muito procurada por esses animais. Na APA de Imbituba, há áreas em que a observação de baleias pode ser feita em embarcações, e outras em que só é permitido ver os animais a partir da terra, para que as fêmeas e seus filhotes não sejam perturbados. Para os integrantes do Baleias do Rio Grande do Sul, a observação por terra seria o modelo ideal para o Rio Grande do Sul, assim como ocorre em Maldonado, no Uruguai, e em diversas regiões da África do Sul.

Bibiana Guaraldi, estudante do 8.º semestre de Jornalismo da Fabico



Detalhe do prédio da Escola de Engenharia, situado em frente à Praça Argentina, que está sendo restaurado

Anos de engenho

Engenharia

O ensino e o crescimento de uma profissão que trabalha na busca de soluções

Na festa de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, o ator britânico Kenneth Branagh representou o famoso engenheiro inglês Isambard Kingdom Brunel, responsável pela construção da principal ferrovia do Reino Unido. No século XVIII, a Revolução Industrial marcou o início de um novo período na história mundial: a transição da economia agrária para a industrialização. O movimento que teve origem na Inglaterra espalhou-se, e o advento das máquinas trouxe a preocupação com a

organização do trabalho, fazendo surgir uma série de novas profissões. O termo “engenheiro”, até então utilizado para referir-se à pessoa que cuidava de um engenho, teve seu significado ampliado e passou a ser empregado também para designar funções em áreas como a construção civil, a mecânica, a eletricidade, a indústria naval e a indústria química.

No Brasil, a história da engenharia começa no final do século XVIII, atrelada à engenharia militar. Mais tarde, em 1858, estabelece-se no Rio de Janeiro a Escola Central, destinada exclusivamente à formação de engenheiros. E, em 1874, é fundada na antiga capital federal a Escola Politécnica, que consolida o ensino de engenharia no país.

Na capital gaúcha, a Escola de Engenharia chega pouco depois, em 1896, com a criação do curso de Engenharia Civil. Ao lado das Faculdades de Farmácia, Medicina e Direito, foi precursora do que só mais tarde se tornaria a UFRGS, criada em 1934 como

Universidade de Porto Alegre.

No dia 10 de agosto, a Escola de Engenharia completou 116 anos. Desde a primeira turma, de 1899, já são mais de 16 mil estudantes graduados em uma profissão que, apesar de seguir a mesma linha de formação desde seu surgimento, apresenta crescimento acentuado. O prédio sede da instituição, localizado em frente à Praça Argentina, integra o Projeto de Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS e está em processo de restauro há quase quatro anos. Segundo informa a Secretaria do Patrimônio Histórico, as obras estão paralisadas devido a dificuldades financeiras da empresa que realizava a restauração. Em função disso, a Universidade teve de interromper o contrato, e agora busca uma solução para o término das obras com a maior rapidez possível.

Ensino secular – O trabalho na busca de soluções, realizado com a aplicação de conhecimentos matemáticos, téc-

Novo curso em 2014

Para 2014, os vestibulandos devem encontrar uma nova opção de curso: a graduação em Engenharia Biomédica. A atividade é responsável pelo desenvolvimento de próteses, instrumentos médicos, equipamentos de diagnóstico e tratamento e softwares que otimizam o uso das máquinas pelos médicos. O curso deve garantir um aspecto novo à formação dos estudantes: o conhecimento do corpo. “As engenharias, na verdade, já têm

trabalhado na medicina. Mas falta ao engenheiro um conhecimento mais aprofundado do funcionamento do corpo humano. É preciso dar essa formação para que ele possa, então, propor soluções dentro da medicina”, salienta Denise Dal Molin. Assim como as demais, essa modalidade também se encontra em expansão, e, de acordo com a diretora da Escola de Engenharia, a procura por engenheiros biomédicos já é grande, mesmo sem o curso.

nicos e científicos, é responsável pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento de materiais, estruturas, máquinas e sistemas para atender as demandas práticas da sociedade. A profissão detém um mercado amplo, e, com a retomada dos investimentos em infraestrutura e a pressão por inovação tecnológica nas empresas, a procura por engenheiros aumentou. “O Brasil está em uma fase boa, e toda a base do progresso está na engenharia. Isso porque é por meio dessa atividade que um país pode produzir a própria tecnologia e se desenvolver economicamente”, observa Denise Dal Molin, diretora da Escola de Engenharia da UFRGS.

Na Universidade, esse crescimento é visível: em cinco anos, o número de candidatas para a Engenharia Civil, por exemplo, mais que dobrou, passando de 807 inscritos no vestibular de 2008 para 1.869 no deste ano – um aumento de quase 57%. Cinco novas opções de especialização foram criadas nos últimos dez anos; Engenharia Ambiental, de Controle e Automação, de Energia, Física e Hídrica –, e a UFRGS planeja acrescentar às 16 modalidades já existentes o curso de Engenharia Biomédica, que tem previsão de oferecimento no vestibular de 2014.

Mas ainda há aspectos a serem melhorados. “Os cursos mantiveram basicamente a mesma formatação nos últimos duzentos anos. As mudanças ficaram por conta dos novos meios de ensino e aprendizagem e pelo aumento das tecnologias. O que acontece é que nem sempre essas transformações são acompanhadas pelos cursos de forma satisfatória”, analisa Vanderli Fava de Oliveira, diretor de comunicação da Associação Brasileira de Educação de Engenharia (Abenge). Gustavo Pinheiro Machado, formando em Engenharia de Materiais pela UFRGS, pensa da mesma maneira. Na concepção do aluno, a área tem formado profissionais distantes da sociedade: “É uma mão de obra muito qualificada em questões técnicas e teóricas, mas com pouca capacidade de análise conjuntural e questionamento. Os cursos formam ‘solucionadores de problemas’ e não ‘transformadores da realidade’”, critica o futuro engenheiro.

O êxodo – Com a oferta de vagas atual, ingressam na UFRGS 882 alunos por ano, dos quais se formam, em média, de 500 a 600. O índice de evasão é um dos mais altos entre as graduações: as engenharias fazem parte da categoria de cursos que apresentam taxa de desistência superior a 30%. Em parâmetros nacionais, esse número é ainda maior: em média 44%, segundo dados da Abenge. “Os alunos que escolhem engenharia normalmente são os que gostavam de Matemática e Física no colégio, que tinham facilidade para isso. O que acontece é que, como os colégios não exigem tanto, esses bons alunos não têm a mesma necessidade de estudar que os demais. Então, quando entram aqui, levam um susto e acabam rodando. Nesse momento começam as decepções, e, se o aluno não tiver persistência, desiste”, explica Denise. Na tentativa de reduzir a evasão e a repetência, foram tomadas diversas medidas, como o oferecimento do curso semestral Pré-cálculo, uma forma de auxílio aos que apresentam mais dificuldade. Também foi instituído pela Pró-Reitoria de Graduação, em 2010,

um Programa de Apoio a Graduação com aulas de reforço de Cálculo, Física, Química, Português, Inglês e Produção de Textos Acadêmicos. “As comissões de graduação têm acompanhado esses estudantes de perto. Além disso, agora são oferecidas algumas disciplinas mais práticas já no início dos cursos, para tentar motivar os alunos e fazê-los enxergar a realidade da profissão”, afirma a diretora.

Por outro lado, o discurso das empresas brasileiras nos últimos anos tem sido o mesmo: falta mão de obra qualificada. De acordo com dados do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), o Brasil forma anualmente cerca de 40 mil engenheiros – quantidade insuficiente para suprir a demanda, que é de pelo menos 80 mil profissionais. É o menor número entre as nações do BRIC, grupo que reúne os países considerados em desenvolvimento e inclui Rússia, com 190 mil engenheiros formados por ano; Índia, com 220 mil; e China, onde se formam anualmente 650 mil.

Outra possível causa para o déficit é o fato de os investimentos em engenharia só terem sido retomados recentemente. Há não muito tempo, os graduados não tinham a perspectiva de trabalho vista hoje e migravam para outras atividades, como o mercado financeiro. E, mesmo atualmente, menos de 5% dos concluintes trabalham na área. “O engenheiro é reconhecido pela capacidade de lidar com problemas que dependem de diversas variáveis e pela facilidade com números, tornando-se um profissional muito versátil, por isso é comum encontrá-los atuando fora de seu campo”, analisa Lúcio Corrêa, que atualmente cursa o mestrado no Programa de Pós-graduação em Engenharia de Minas, Metalúrgica e de Materiais da UFRGS.

Mercado em expansão – O resultado é uma concorrência acirrada entre as empresas por profissionais em dia com as exigências tecnológicas que fez a média de salários ofertados para a categoria subir cerca de 20% em 2011, segundo a empresa de consultoria Michael Page. O piso da categoria, hoje, é de R\$ 5.600,00, um grande atrativo para os estudantes. “É a profissão que produz a riqueza do país. E, normalmente, o salário é um dos principais chamarizes. Especialmente nos setores de energia, petróleo e gás, nos quais os rendimentos podem superar facilmente os dez mil reais mensais. Mas existem profissionais com remuneração ainda mais elevada”, garante Lúcio.

E a tendência para o futuro é uma expansão ainda maior. Segundo o Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea), a demanda para obras e investimentos previstos para os próximos anos, como os da Copa do Mundo, das Olimpíadas e do petróleo do pré-sal será de pelo menos 300 mil profissionais. “Porque o papel da engenharia está em todo o dia a dia. No conforto que as pessoas têm em casa, na diminuição do consumo das matérias primas para um futuro mais sustentável – tudo tem engenharia. É uma função de importância indiscutível, de resolução de problemas de todas as áreas”, sintetiza Denise.

Priscila Kichler Pacheco, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabco

A favor das cotas

Ações Afirmativas UFRGS mantém a reserva de vagas em 30% e aposta na melhoria dos programas de permanência dos estudantes

Samantha Klein

Por mais dez anos, o sistema de cotas da UFRGS pretende diminuir as formas de preconceito e atuar como agente de inclusão na Universidade. Apesar da manutenção do percentual de 30% de vagas ainda ser considerada um anacronismo na visão de parte dos conselheiros, e em especial, de um grupo de estudantes, a definição é uma abertura para o debate.

Depois de três longas reuniões para desenhar as novas normas que passam a valer a partir do vestibular de 2013, o maior avanço está relacionado ao consenso entre os mais de 70 conselheiros pela manutenção da política, já que cinco anos antes, a crítica contra o sistema era acirrada, e diversos setores desconsideravam a medida. “Passamos por um processo democrático de discussão. Em junho de 2007, nem todo mundo aceitava a política de cotas. Hoje, apesar das divergências, a sinalização é de que a maioria é a favor. Por outro lado, com a discussão no Conselho, estamos apontando que deve haver qualificação do ensino médio público para que, em algum momento, possamos abrir mão da política de ações afirmativas”, ressalta o reitor Carlos Alexandre Netto.

Propostas diferentes – Na reunião determinante para a manutenção da política, realizada no começo de agosto, duas proposições divergentes foram analisadas a partir dos pareceres assinados por membros do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e por um grupo de professores, encabeçado pelos institutos de Informática e de Geociências. Os alunos desejavam a ampliação da reserva para o patamar de 50%, com a desvinculação das cotas raciais das sociais. Já os docentes, sugeriam que o percentual se mantivesse o mesmo por um período de sete anos. Uma

Hoje, a UFRGS já está além do percentual para 2013 definido pelo Projeto de Lei aprovado no Senado

terceira via que norteou as três reuniões do Conselho Universitário, era o parecer da comissão que avaliou os cinco anos do Programa, e indicava o aumento da reserva de 30% para 40%.

“Precisamos de uma avaliação séria dos avanços com o sistema de cotas, além de apontar as melhorias que precisam ocorrer no ensino médio. Não é a universidade que tem de re-



Durante as reuniões do Consun para a avaliação do sistema de cotas da Universidade, estudantes como Marlise Paz ocuparam o saguão da reitoria

solver todos os problemas da base do ensino”, ressalta o diretor do Instituto de Informática, Luís Cunha Lamb, que assinou um dos pareceres de vista ao relatório da Comissão de Avaliação do Programa de Ações Afirmativas.

“A desvinculação das cotas foi considerada constitucional pelo STF e seria uma forma de reparar o dano histórico causado aos negros. A UFRGS perdeu a oportunidade de fazer vanguarda se tivesse adotado a medida”, reclama a representante discente, Nina Becker. A representação estudantil do Consun criticou ainda o fato de que alguns temas discutidos anteriormente não foram agregados ao relatório, como a proibição do ingresso de estudantes provenientes das escolas militares e de alunos que já tenham cursado o ensino superior.

A última questão não entrou na pauta do Conselho, mas a exclusão dos egressos das instituições ligadas ao Exército foi debatida, prevalecendo o argumento do diretor do Instituto de Informática, Sérgio Bampi. “Não podemos nos arriscar em um caminho árduo como este. Abriríamos um precedente jurídico, porque é muito complicado determinar que tipo de seleção para alunos no ensino médio é ou não isonômico”, resume.

Avaliação – Cinco anos de Política de Ações Afirmativas podem ser tempo reduzido para realizar um balanço da efetiva inclusão dessas minorias, principalmente se forem ponderados somente através do número de negros que ingressaram por meio das cotas na universidade. Conforme os dados da Comissão Permanente de Seleção (Coperse), em meia década ingressaram 1.445 candidatos negros na UFRGS. É pouco, se comparado com o aumento dos egressos do ensino público, que chegaram a 5.797. Já entre os ingressantes pelo acesso universal, foram 16.788 novos alunos para a universidade.

Determinante para ampliar a ocu-

pação das cotas raciais foi a mudança nos critérios de correção das provas de redação do vestibular deste ano, a partir da Resolução 22/2011. Atendendo a uma reivindicação dos representantes do DCE ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) ficou definido que a seleção inicial já levasse em consideração o segmento para o qual o candidato estava inscrito. Isso porque se observou que nos anos de 2008, 2009 e 2010 os egressos de escolas públicas autodeclarados negros não preenchiam as vagas que lhes eram oferecidas.

Com a medida, caso um curso contemple 100 alunos por processo seletivo, será aplicada uma multiplicação de quatro vezes sobre 70% (disputa universal) e quatro vezes sobre os índices da reserva. Com o novo critério, o preenchimento médio das vagas para autodeclarados negros que foi de 30%, entre 2008 e 2011, passou para quase 50% no vestibular deste ano. O cálculo se refletiu no curso mais concorrido da universidade: a média de apenas um aluno negro cotista para o curso de Medicina saltou para 21 no último concurso.

Para avançar na permanência – Uma das medidas adotadas com o objetivo de manter os cotistas na UFRGS foi o reforço pedagógico. Desde 2010, o Programa de Apoio à Graduação (PAG) tem oferecido atividades complementares em disciplinas como cálculo, física, química, português, inglês e produção de textos. O PAG surgiu para atender aos alunos da reserva de vagas, mas baseado na constatação das dificuldades que os demais estudantes já sentiam antes mesmo da inclusão dos cotistas.

Por outro lado, houve dificuldade em acompanhar o rendimento dos estudantes com o novo perfil impresso à comunidade acadêmica. A falta de técnicos em assuntos educacionais para exercerem essa função nas Comissões de Graduação dos cursos é o

principal motivo. “Muitas das comissões ainda não estão em condições de realizar a avaliação. Houve capacitações no último ano, por isso, no próximo período, o que se espera é que as comissões de curso acompanhem de perto os estudantes. Essa ação será reforçada pela própria legislação da

Segundo dados da Coperse, em meia década 1.445 candidatos negros ingressaram pelas cotas

universidade que prevê a sinalização preventiva dos alunos que apresentem desempenho acadêmico aquém do desejado”, considera a pró-reitora de Graduação, Valquíria Bassani.

Uma das proposições da Comissão de Avaliação aprovada pelo Consun foi a criação de uma Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas constituída por um coordenador, um vice-coordenador e um conselho consultivo, formado por representantes dos professores, alunos e técnicos administrativos da UFRGS, além de representantes especializados das oito áreas de conhecimento da Universidade e da sociedade civil ligados às ações afirmativas. “Essa Coordenadoria deverá buscar a permanência dos cotistas. Com o trabalho dos membros, teremos um balizamento para buscar a maior eficiência do Programa e acredito que haverá mais ações específicas para esse público”, afirma o vice-reitor Rui Vicente Oppermann.

Ordenamento – Um dos pontos mais polêmicos da última reunião do Conselho Universitário que consolidou as cotas foi o ordenamento dos candidatos. Como os alunos ingressam em duas etapas, os primeiros colocados entram no primeiro semestre, o que resulta em turmas do segundo semestre formadas predominantemente por cotistas.

Na reunião do Consun de 10 de agosto foram quase duas horas de discussões a respeito da estigmatização de “turmas de cotistas”, sobre regras de concurso que privilegiam o ingresso de candidatos aprovados com maior pontuação e sobre a importância da diferenciação de classes com necessidades diferentes, o que facilitaria para o professor a detecção das dificuldades dos alunos. Porém, a decisão foi pela manutenção do regulamento atual.

De qualquer forma, foi indicado que caberá ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão o recebimento das propostas de mudança.

“O Consun não se achou apto a deliberar a respeito. A recomendação é que as lideranças que tiverem interesse em levar a discussão adiante o façam junto ao Cepe, onde será feita uma reflexão sobre a concentração de cotistas no segundo semestre e sobre como o ordenamento poderá ser modificado”, destaca Oppermann.

Mas a discussão poderá retornar ao Consun muito antes de 2022, caso a presidente Dilma Rousseff sancione o texto do Projeto de Lei aprovado em agosto pelo Senado, que destina 50% das vagas nas instituições de ensino superior para as cotas.

Conforme a matéria, as instituições de ensino terão quatro anos para se adaptar à regra, com reserva de no mínimo 25% já a partir do próximo vestibular. “Poderemos revisar antes mesmo de 2015, se for necessário. Porém, a UFRGS hoje já está além do que determina o projeto”, afirma o vice-reitor Rui Vicente Oppermann.



Novo fôlego para o ensino

Iniciação docente Estudantes de licenciatura vão para dentro das escolas vivenciar o dia a dia do ambiente educacional

Everton Cardoso

A última reportagem da série dedicada aos 15 anos do JU destaca os projetos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid).

Há alguns anos, a formação de um futuro docente, independentemente de qual seria sua área de atuação, era sintetizada por uma fórmula matemática: 3 + 1. Essa soma representava o ideal de que um bom professor deveria ser primeiramente um especialista em uma determinada área do conhecimento que, depois de suficientemente formado nesse sentido, teria uma formação pedagógica e, finalmente, entraria numa sala de aula. Mas uma nova maneira de se encarar a carreira estudantil dentro das licenciaturas tem subvertido essa lógica. Passou-se a pensar a formação de um futuro professor iniciando-a já desde o seu ingresso na universidade e unindo, tanto conhecimentos da área à qual vai se dedicar a ensinar quanto saberes necessários à prática pedagógica.

Dentro desse espírito, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) da UFRGS tem levado estudantes de licenciatura da Universidade a atuarem em escolas da rede pública estadual de ensino básico desde muito cedo em sua formação universitária.

Com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão do governo federal que desde 2007 tem-se dedicado também à qualificação dos futuros docentes, graduandos recebem bolsas para atuarem dentro de projetos propostos por seus professores universitários. Nessa história, ganham todos: os estudantes da UFRGS, que têm chances de ir aprendendo seu ofício na prática e dentro do ambiente escolar; o professor da Universidade, que tem aí uma ferramenta pedagógica eficaz; e a escola de ensino básico, que recebe o projeto. Não só um professor dessa instituição de ensino recebe uma bolsa para participar do projeto e contribuir com sua experiência, como os alunos também sentem os efeitos do projeto em seu cotidiano.

Incentivo ao teatro – Geraldo Bueno Fisher é professor de música há 20 anos no Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha (IE) e é parte do grupo de docentes que atua nas disciplinas de Educação Artística. “A escola chegou a ter três professores de teatro ao mesmo tempo!”, diz para mostrar o quanto esse tipo de prática perdeu força no lugar. Hoje, não há professores de artes dramáticas no IE. Mas a história da escola guarda lembranças de um tempo em que ela servia de referência nacional na área. Sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, quando a professora Olga Reverbel desenvolveu ali um trabalho de formação junto àqueles que se preparavam no curso de magistério em nível médio para serem professores primários. Nessa época, o teatro era uma presença constante na escola não só para as futuras professoras: Olga criou o Teatro Infantil Permanente do Instituto de Educação (Tipie). Ela também teve participação no desenvolvimento das disciplinas que aliavam teatro e ensino na Faculdade de Educação da UFRGS e deixou diversos livros e artigos que são referência sobre o tema no Brasil.

Para Geraldo, o Pibid tem servido

para resgatar esse papel histórico do teatro no IE. “Achei muito bacana toda a proposta do programa, pois leva mais tempo do que o estágio; é um trabalho constante e que fica na escola”, avalia. Diferentemente da atuação curta dos estagiários, os bolsistas do Pibid têm uma rotina na instituição. No caso do projeto desenvolvido no IE, eles organizam e gerenciam oficinas de dramatização e áreas correlatas, elaboram intervenções para as aulas de outras disciplinas e até mesmo organizam idas dos alunos a espetáculos teatrais. “A seriedade e o entusiasmo que eles estão mostrando”, diz o supervisor, “muda o meu sentimento e dos demais colegas da área enquanto professores.” Ainda que Geraldo perceba resistência por parte de alguns docentes não envolvidos no projeto, tem uma visão bastante positiva do que está tem acontecido na escola desde 2010, ano da implantação.

A olhos vistos – Não é só no ânimo dos professores e estudantes do Instituto Flores da Cunha que o projeto tem mostrado seus resultados. Há mudanças concretas: no segundo piso do edifício da escola – emblemático prédio de estilo neoclássico situado na Avenida Osvaldo Aranha –, está um espaço que outrora

abrigou as iniciativas precursoras de Olga Reverbel. Com a ausência de professores da área, a sala do Tipie ficou abandonada e serviu para outros fins. “Estava sendo usada para Educação Física e festinhas”, lamenta Geraldo. Mas a chegada do projeto à escola mudou esse quadro. De acordo com a coordenadora do Pibid de Teatro e professora do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Arte da UFRGS, Vera Bertoni, a intenção é estabelecer uma nova relação da comunidade estudantil com aquele lugar. “Fizemos o lixamento do piso, reformamos as cortinas, e agora temos o projeto de fazer uma iluminação mais apropriada da sala”, conta. “Há toda uma cultura de respeito pelo espaço. E a escola foi super parceira”, comemora a professora. Prova dessa calorosa acolhida é que ninguém entra na sala sem tirar os calçados.

Inicialmente, o projeto contava com dez estudantes de Licenciatura em Artes Dramáticas da UFRGS; atualmente, já são 15. Entre os graduandos que participam dos primórdios do Pibid de Teatro estão Mariana Freitas, Clarice Nejar, Iasana Martins e André Macedo. “Depois que eu entrei no projeto, as coisas da universidade começaram a fazer mais sentido”, diz André. Ao que Mariana

acrescenta: “O aprendizado fica muito mais completo, a gente tem uma vivência prática aqui dentro da escola. Criamos nossa experiência como professores antes de sair da universidade”. Shayene Soares, um pouco menos experiente no projeto – participa desde fevereiro deste ano – teve na oportunidade o empurrão que lhe faltava para decidir-se de vez pela docência em teatro. “Eu não era apaixonada por dar aula quando eu entrei na licenciatura, mas aos poucos veio crescendo essa vontade, essa ânsia por ensinar, e o Pibid reafirmou isso em mim”, conta. Quando questionada se se imagina professora de teatro, imediatamente responde afirmativamente: “É um sentimento muito bom o estar dando aula. É uma sensação parecida com a de estar em cena, e eu gosto bastante dela”, revela. O membro mais recente do grupo é Lorenzo Soares, que ingressou no projeto em agosto passado. Mesmo ainda não tendo muita vivência dentro do Pibid, tem certeza de que ali encontra uma das principais razões pelas quais escolheu a carreira docente: “O teatro é o desenvolvimento do ser humano sensível. Funcionou para mim e acho incrível trabalhar com isso para levar outro modo de ver o mundo a outras pessoas”.

Trabalho coletivo

De acordo com Samuel Bello, coordenador institucional do Pibid/UFRGS e professor do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação, atualmente o programa está presente em 14 escolas públicas estaduais, onde são desenvolvidos projetos nas áreas de artes visuais, ciências biológicas, ciências sociais, física, geografia, história, letras, matemática, química, filosofia, pedagogia e teatro. Ao todo, estão envolvidos aproximadamente 200 bolsistas de graduação e 37 professores supervisores – estes pertencentes aos quadros das escolas que abrigam os projetos. Samuel destaca que a intenção é mesmo movimentar a escola, desenvolver atividades que não sejam parte do cotidiano. “É diferente do estágio, que se enquadra à dinâmica da instituição. O Pibid visa desenvolver atividades que sejam condizentes com a formação pedagógica do futuro docente

e que atendam às expectativas das propostas do professor coordenador”, esclarece.

Carla Meinerz, coordenadora de gestão pedagógica do Pibid e professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faced, destaca como um dos méritos do projeto a formação de um coletivo institucional de professores e alunos da Universidade juntamente com os docentes das escolas para pensarem juntos sobre educação. “Um bom professor é aquele que sabe trabalhar coletivamente. E não o que fecha a porta da sala de aula e faz um trabalho individual. É preciso juntar-se a colegas de outras áreas e pensar a escola como um todo”, justifica. O projeto inclui, ainda, atividades de formação continuada para os professores das escolas, um site onde são publicados relatos das experiências e livros que trazem textos que podem contribuir para o aprimoramento da docência no ensino básico.

FLÁVIO DUTRA/JU

Bolsistas de licenciatura da UFRGS realizam atividades no Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha



JU
15
anos



Um dos planos é a construção de um prédio para a biblioteca universitária no Câmpus do Vale

Foco na internacionalização

Universidade
Carlos Alexandre Netto e Rui Vicente Oppermann falam dos projetos para a gestão 2012-2016

Samantha Klein

Um ranking mundial que avalia as 500 melhores universidades do planeta colocou a UFRGS na lista, segundo a edição da pesquisa da Universidade de Comunicações de Xangai. Por isso, a já conhecida excelência acadêmica deverá ser fortalecida nos próximos quatro anos de gestão. O reitor Carlos Alexandre Netto e o vice-reitor Rui Vicente Oppermann, reeleitos para a dirigirem a universidade que abriga mais de 27 mil estudantes, falam sobre esse e outros aspectos.

JU – Quais são as prioridades da próxima gestão?

Carlos Alexandre – O grande eixo da nova gestão será o da excelência acadêmica associada à inovação, porque a nossa universidade tem uma história de reconhecimento nesse sentido. Esse é o caminho que vamos continuar trilhando com apoio à pesquisa, à extensão e às atividades que geram inovação, principalmente, no que se refere aos laboratórios de pesquisa e desenvolvimento tecnológico, muito associados à pós-graduação.

Rui – E quando falamos em ampliar a excelência acadêmica, o Parque Tecnológico deve ser considerado nesse contexto. Enfrentamos o debate sobre a implantação do complexo, fizemos a oficialização do projeto e agora se trata de trabalhar pela sua sedimentação,

buscando as parcerias para que ele se torne uma referência de inovação e tecnologia. A UFRGS passou por um processo bem grande de expansão nos últimos quatro anos, e faz parte de uma visão estratégica de política universitária aproveitar esse crescimento para que possamos implementar a qualificação dessa excelência.

Carlos Alexandre – Além disso, a fase um do Parque já foi terraplanada, mas ainda não há como saber em quanto tempo estará pronto, pois depende da agilidade na finalização dos projetos e na captação de parcerias.

JU – E quanto à antiga reivindicação relacionada à Cidade Universitária, quais são as perspectivas?

Carlos Alexandre – A habitabilidade e a infraestrutura são fundamentais no Câmpus do Vale. E aquele espaço, sem dúvida, estará em evidência nesta próxima gestão. O projeto do RU está andando bem, o restaurante no bloco 4 encontra-se em fase bastante adiantada e se encaminhando para a finalização. Estamos na etapa de conclusão da licença para construir a Casa do Estudante e, com isso, será iniciada a elaboração do projeto de construção. Um prédio para a biblioteca universitária do Câmpus do Vale também deverá ser construído. Para isso, foi montado um grupo de trabalho que preparou o projeto arquitetônico e o plano executivo está em elaboração a fim de que possamos abrir o edital de licitação. A biblioteca terá dez andares e vai englobar um Centro de Convivência, um pleito antigo dos alunos. Mas, cada obra é um processo muito longo, por isso, não podemos precisar datas de entrega.

JU – Três departamentos do Instituto de Artes conseguiram se reunir e montar uma ópera completa pela primeira vez neste ano. Quais serão os incentivos para as manifestações artísticas e o investimento na estrutura

do prédio das artes? Levar o IA para o ICBS é uma solução ou um paliativo?

Carlos Alexandre – Com a mudança do Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS) para o Câmpus Saúde, o Instituto de Artes vai utilizar uma boa parte do local. Ocorre que o IA ocupa um conjunto de prédios muito antigos, alguns com quase cem anos. Justamente por isso, essas edificações demandam muitos recursos para a manutenção. Fizemos um investimento grande, já iniciado na gestão do professor Henemann [ex-reitor], no prédio principal da Rua Senhor dos Passos. Esses recursos permitiram, por exemplo, a apresentação de uma ópera no Auditorium Tasso Corrêa. Claro, há outros espaços que precisam ser revitalizados, como o Departamento de Artes Dramáticas, onde no ano passado, houve um problema elétrico já resolvido. Mas sempre haverá problemas porque são espaços muito antigos. Além disso, os concertos tomam tempo porque não podemos fechar as portas, já que os alunos não dispõem de outros espaços para realizar suas atividades.

JU – A UFRGS está enviando um número maior de estudantes para o exterior e também vem recebendo mais alunos estrangeiros. Existe algum plano para melhorar as condições de quem vem estudar aqui?

Rui – O conceito de universidade de classe mundial vai permanecer, porque o desenvolvimento da UFRGS precisa ter como meta a busca do parâmetro internacional, se quisermos manter essa relação com o que é desenvolvido lá fora. Até porque, a ciência é internacional. Claro, ao receber os estudantes, temos desafios muito grandes como a língua. Aumentar os cursos oferecidos em inglês é algo que tem que ser vencido, porque a maioria das universidades que realiza intercâmbios investe nisso. E o Parque Tecnológico também poderá fazer parte dessa estratégia, funcionando

do como um fator de congregação de pessoas de diferentes origens.

Carlos Alexandre – No ano passado, a UFRGS foi a universidade que mais enviou alunos para o exterior por meio do programa federal Ciência Sem Fronteiras. E, em 2012, estamos em segundo lugar. Continuaremos fomentando a prática intercambista e deveremos aderir a uma proposta construída junto com a Capes para preparar em língua inglesa os potenciais candidatos que podem ser enviados ao exterior. Também estamos discutindo a possibilidade de oferecer cursos em inglês. Mas a questão da acomodação é nosso grande gargalo. Nas universidades da Europa e dos Estados Unidos, que sempre fizeram intercâmbio, as casas estudantis são comuns. Aqui já temos acomodações, mas em número insuficiente. A Casa do Estudante do Vale terá um espaço generoso, mas até lá não poderemos ficar sem receber alunos estrangeiros.

JU – A UFRGS está entre as 500 melhores universidades do planeta, porém, alguns cursos ainda têm pouca infraestrutura como é o caso da Fonoaudiologia. O que está previsto para estas graduações?

Rui – A Fonoaudiologia terá todos os recursos previstos para o curso. Neste ano, inclusive, já foi instalado um laboratório na Faculdade de Odontologia. Um aspecto importante de infraestrutura da Fonoaudiologia é que estamos construindo o Hospital Odontológico. Com isso, as clínicas instaladas na Faculdade serão transferidas, assim que a unidade hospitalar estiver pronta e, consequentemente, haverá espaços para as atividades da Fonoaudiologia. Este é um dos exemplos, pois todas as graduações propostas no Reuni previam uma série de recursos que foi atendida. No entanto, ainda temos que resolver algumas pendências em termos de ampliação de espaços e contratação de docentes e técnicos.

JU – Em relação aos futuros Câmpus do Litoral Norte e da Serra? O que pode ser projetado? A contratação de técnicos e docentes foi assegurada?

Rui – Fizemos um pacto com o Ministério da Educação para a contratação de técnicos e docentes, e é importante frisar que o Câmpus do Litoral não vai retirar recursos da sede da Universidade em Porto Alegre. O próximo desafio é a abertura do edital de licitação do projeto, que está próximo de acontecer. Concluída esta etapa, deveremos captar os recursos. Anteriormente, essas verbas vinham por emenda parlamentar, mas agora vêm diretamente do MEC. Vamos construir ainda a linha pedagógica, que será baseada em três eixos: meio ambiente, ciências exatas e administração. Tenho certeza que, ao longo dos próximos quatro anos, teremos o Câmpus do Litoral funcionando. Já o Câmpus da Serra tem outra dinâmica, porque entendemos que, enquanto há campanha eleitoral, precisamos esperar para ver com quem vamos dialogar a partir de janeiro. Ainda não existe definição da área onde esse Câmpus será instalado, o que também depende de um diálogo com a associação dos municípios da região.

JU – Uma das propostas de campanha foi ampliar a interação da comunidade. O que é planejado para isso?

Rui – A UFRGS é uma das universidades com um dos melhores programas de Extensão do país. Um aspecto importante é o quanto a comunidade gaúcha espera dessas atividades, seja no âmbito cultural ou social. Existe uma identificação muito grande que precisamos manter, ampliando as atividades no plano artístico e esportivo. No nosso Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) há a intenção de construir um centro de eventos no Câmpus do Vale. Mas esse não é um desafio de apenas quatro anos, e sim uma expectativa da sociedade em relação à UFRGS.



Um novo Mercosul

Política Em meio à suspensão temporária do Paraguai, entrada da Venezuela no bloco é anunciada

Em 31 de julho, a Venezuela foi declarada membro pleno do Mercosul. Oficializado em uma cúpula extraordinária que contou com a participação dos governos de três dos países fundadores, Uruguai, Brasil e Argentina, o ato provocou reações imediatas no cenário político latino-americano – sobretudo por parte do Paraguai, que também participou da fundação do bloco, mas se encontra temporariamente suspenso de suas reuniões desde o *impeachment* relâmpago do então presidente Fernando Lugo, ocorrido na segunda metade de junho deste ano.

Origem – O Mercosul, sigla pela qual ficou conhecido o Mercado Comum do Sul, foi criado com a assinatura do Tratado de Assunção em 26 de março de 1991. O documento foi elaborado de comum acordo entre Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai. Com o objetivo inicial de estabelecer uma zona de livre comércio na região Sul da América Latina, o bloco converteu-se em união aduaneira a partir da adoção de uma Tarifa Externa Comum pelos quatro integrantes em 1995, quando cada um dos parceiros passou a adotar uma mesma taxa de importação sobre os produtos oriundos dos demais.

Além do projeto de integração econômica, foram estabelecidas regras de alinhamento político. Uma delas prevê que, se outras nações demonstrarem interesse em fazer parte do Mercosul, a sua entrada depende do apoio unânime dos

quatro países, bem como da aprovação de seus respectivos congressos.

A primeira solicitação de ingresso no bloco foi feita pela Venezuela em 2004 durante a Cúpula de Iguazu e aceita dois anos mais tarde por todos os presidentes. O pedido foi então votado e aprovado pelos parlamentares uruguaios, brasileiros e argentinos, mas encontrou resistência no congresso paraguaio, onde os governistas eram minoria. Para Rodrigo Stumpf González, professor do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da UFRGS, essa posição foi um reflexo natural das divergências políticas existentes entre os grupos de oposição naquele país e o governo venezuelano de Hugo Chávez. “O discurso anti-Venezuela no congresso paraguaio existe muito mais para dar satisfação ideológica a seus eleitores do que para qualquer outra coisa”, explica. Ele acredita, inclusive, que a resistência paraguaia se dissiparia caso o partido governista venezuelano não ganhasse as próximas eleições, uma vez que as dissidências se dão exclusivamente em um âmbito partidário.

“A Venezuela ganha ao ampliar o mercado alternativo para a venda de seu combustível”

A suspensão paraguaia – Assim, o processo ficou paralisado no senado paraguaio até o primeiro semestre de 2012, quando alterações no cenário político do país levaram a uma nova

reviravolta. Em 22 de junho, em um processo de base legal, mas que durou menos de 36 horas, Francisco Lugo foi destituído da presidência do Paraguai pelos parlamentares sob a alegação de que estaria apresentado um “mau desempenho” no cargo. A votação, encerrada com 39 votos a favor da decisão e apenas 4 de ordem contrária, foi apoiada pelos partidos de oposição, que possuem maioria na câmara paraguaia – um deles, inclusive, é o mesmo partido do qual faz parte Federico Franco, vice de Lugo que assumiu o seu posto após o *impeachment*.

Diante desta conjuntura, representantes do Brasil, Uruguai e Argentina participaram de uma reunião extraordinária na qual deliberaram pela suspensão provisória do Paraguai das reuniões do Mercosul. A medida foi adotada com base em um artigo do protocolo de Ushuaia, assinado por todos os membros do bloco, além de Chile e Bolívia. Segundo esse documento, a “plena vigência democrática” é apresentada como condição essencial para as relações entre esses países. Em entrevista coletiva à imprensa brasileira, Antonio de Aguiar Patriota, diplomata e atual ministro das Relações Exteriores, declarou que essa situação não pode ser verificada atualmente no Paraguai, uma vez que Lugo não haveria tido tempo hábil para se defender das acusações. O retorno do país ao bloco, portanto, só poderia se dar se as próximas eleições presidenciais paraguaias, previstas para abril do ano que vem, forem de caráter livre.

Com a suspensão do Paraguai, ficaram abertas as vias legais para a aprovação da entrada da Venezuela no bloco, consolidada no último dia de julho. O ato foi comemorado por Hugo Chávez, que destacou o fato de o Mercosul passar a ser a quinta maior economia do mundo com o ingresso de seu país, somando um PIB total superior a 3,3 trilhões de dólares. Porém, o atual governo de Franco contestou a legitimidade do ato.

Para González, é possível que o con-

gresso paraguaio tenha se sentido diminuído pela maneira como se deu a aprovação. Por outro lado, os mecanismos utilizados neste processo não diferem em sua natureza daqueles verificados no *impeachment* de Lugo. “Do ponto de vista estritamente jurídico, o que os governos de Brasil, Argentina e Uruguai fizeram foi o mesmo que fez o congresso paraguaio: uma interpretação técnica da legislação que desconsidera os aspectos de legitimidade política. Nesse sentido, o presidente e o congresso paraguaio não têm muito do que reclamar – eles receberam do próprio remédio”, analisa.

Mudanças – E o que se pode esperar do bloco após a entrada da Venezuela? Em artigo escrito para a revista latino-americana de Ciências Sociais *Nueva Sociedad*, o professor do curso de Relações Internacionais da UFRGS Paulo Visentini ressalta as vantagens promovidas pela integração: “Inegavelmente o potencial econômico é ampliado, com aumento do comércio e investimento em obras públicas, além de fortalecer o bloco como potência energética. Até

porque o Paraguai não terá opção a não ser vender sua eletricidade aos vizinhos do Mercosul”. No entanto, ele põe em dúvida a maneira como os demais países sul-americanos reagirão ao fato: “O fator de atração de novos países [para o Mercosul] será ambíguo, porque a Colômbia, o Peru e o Chile podem ficar politicamente mais refratários, enquanto economicamente aumenta a atratividade do bloco”, postulou.

Nas relações econômicas bilaterais, o Brasil pode ser muito beneficiado. É o que acredita González: “Dentro do Mercosul, nós somos o país com o parque industrial mais desenvolvido. Já exportamos aviões para a Venezuela, e esse tipo de relação deve ser fortalecida. Em termos de exportações, o Brasil pode lucrar muito. A Argentina também, com o comércio de alimentos. E, por outro lado, a Venezuela também ganha ao ampliar o mercado alternativo para venda de seu combustível”, afirma.

Bruno Cobalchini Mattos, estudante do 8.º Semestre de Jornalismo da UFRGS

País conquista maior autonomia

Com a declaração de Dilma Rousseff de que o Brasil tem interesse em comprar petróleo da Venezuela, o país alcança um objetivo que há muito perseguia: tornar-se menos dependente dos EUA. Nas últimas décadas, os norte-americanos foram os maiores compradores de combustível venezuelano. Mas, ao encontrar no mercado brasileiro uma alternativa de grande porte, o governo de Hugo Chávez passa a ter um maior poder de barganha em eventuais renegociações, além de ver ampliada a sua capacidade de pressão política.

Também é preciso levar em conta que, com as reduções tarifárias decorrentes de seu ingresso no

Mercosul, a Venezuela poderá contar com os produtos brasileiros como uma nova possibilidade para o seu mercado interno – inclusive em setores dos quais o país dependia majoritariamente dos norte-americanos, como o das autopeças.

Mas os benefícios para o governo de Chávez não se limitam às mudanças nas relações com os Estados Unidos. “A possibilidade de ter no Brasil uma base de importação de bens duráveis a preços mais baixos favorece a ampliação do consumo. Então, ganha em parte a população da Venezuela, mas ganha também o grupo político que está no poder”, contextualiza Rodrigo González.



No final de julho, grupo Brasil com Chávez realizou manifesto em favor da incorporação da Venezuela ao Mercosul em frente ao Palácio do Itamaraty, em Brasília



FLAVIO DUTRA/JU

A psicóloga Carla Schmaedecke venceu um câncer de mama e, graças aos avanços das técnicas de criopreservação e de fertilização *in vitro*, conseguiu realizar o sonho de ser mãe

Cura e gravidez

Tecnologia

Pesquisadora testa congelamento de tecido ovariano em cápsula metálica para garantir a maternidade às vítimas de câncer

Samantha Klein

Ao ouvir o chorinho da Sofia, de dia ou madrugada afora, ela pensa que superar uma doença agressiva antes de tê-la nos braços nem foi tão complicado assim. Somente depois do tratamento para um câncer de mama e de quatro tentativas via reprodução assistida, a psicóloga Carla Schmaedecke conseguiu ter o bebê, sonho que compartilhava com o marido Felipe. “Era necessário esperar um mês inteiro entre uma fertilização e outra e as esperanças esmoreciam ao saber que não tinha dado certo, depois de ir diariamente à clínica de fertilização. Mas ao vê-la aqui conosco, acho que nem foi tão difícil assim”, comemora vitoriosa.

Carla descobriu que tinha o câncer mais recorrente entre mulheres após um exame de rotina em agosto de 2009. Com 36 anos e a possibilidade de ter uma menopausa precoce, o tratamento para a doença provavelmente acabaria com as chances de ela ser mãe. Por isso, o oncologista indicou o congelamento de embriões. Assim, o casal resolveu aderir à técnica de criopreservação dos gametas e à fertilização *in vitro*. Em 2 de julho, nasceu a menina com pouco mais de 2,5 kg. Casos como o da psicóloga

mostram que são cada vez maiores as possibilidades de uma gestação após intervenções agressivas como a radioterapia e a quimioterapia. Mesmo que o tratamento do câncer elimine as células germinativas, os avanços das técnicas para a preservação de óvulos e tecidos ovarianos aumentaram as chances de engravidar. Um exemplo nessa área é o estudo de uma pesquisadora da UFRGS para qualificar a reprodução assistida, que oferece às pacientes oncológicas a esperança de um recomeço depois da doença com a realização do sonho da maternidade.

Efeito colateral – Segundo dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA), cerca de 10% das ocorrências da doença acometem jovens com menos de 35 anos. E em razão dos tratamentos, muitas mulheres podem ficar inférteis. A radioterapia induz um efeito adverso no ovário relacionado à dose de radiação e à área atingida. Quanto mais próximo do órgão, maior será a lesão. Além disso, se a paciente estiver no final da idade reprodutiva, maiores serão os danos para o sistema reprodutor feminino. “A radiação sobre o útero pode levar à infertilidade, abortamentos e à diminuição do crescimento fetal em uma futura gestação”, ressalta a ginecologista Isabel Cristina Almeida.

A especialista acrescenta que a quimioterapia pode lesar os ovários, levando à menopausa. Entre os fatores que interferem estão o tipo de droga utilizada na terapia, a dose e a idade da paciente. “Embora os tratamentos possam ser bastante pesados para a mulher, após o seu término os riscos de má formação não aumentam”, lembra a obstetra.

Pesquisa na universidade – Desde que o primeiro bebê nasceu por fertilização *in vitro* em 1978 na Inglaterra, o objetivo é aumentar o número de

nascidos. A aposta de pesquisadores está na retirada de fatias do tecido ovariano e no congelamento do material para posterior reinserção no corpo feminino depois da cura do câncer. O tecido do ovário aumenta as chances de sucesso do procedimento e diminui os abortos espontâneos. O procedimento já é testado na Dinamarca e na Bélgica, onde mais de 15 crianças nasceram a partir da técnica.

A pesquisadora do Instituto de Ciências Básicas da Saúde da UFRGS Adriana Bos Mikich desenvolve experimentos com tecido e está um passo a frente na preservação do material. Em parceria com a Engenharia de Materiais da Universidade, ela criou uma cápsula metálica para armazenar o material e substituir o congelamento em recipientes de plástico. Com o formato de uma pílula, o invólucro desenvolvido pela embriologista mantém com maior qualidade o fragmento ovariano por um tempo indeterminado.

Cápsula está em fase de testes e ainda vai precisar da aprovação dos órgãos de saúde

Na técnica de congelamento, o invólucro é fundamental para evitar o contato direto com o nitrogênio líquido, que pode ser um transmissor de doenças. “Ao congelar, você expõe esses tecidos ao nitrogênio líquido e há estudos que mostram que esse elemento pode ser um vetor de transmissão de patógenos como

o vírus HIV e a hepatite. Por isso, criamos a cápsula para preservar o material reprodutivo por mais tempo e evitar riscos de contaminação”, relata a professora.

Fase de testes – Os experimentos foram bem-sucedidos com camundongos e, no momento, Adriana está testando o procedimento em bovinos, cuja temperatura corporal é mais próxima da verificada nos seres humanos, 38°C. “Estamos utilizando partes de ovários de vacas coletados em um abatedouro. A morfologia após a vitrificação está muito boa. A segunda fase é a cultura do tecido *in vitro* para observar se sobrevive por 24h de cultivo em laboratório. Numa próxima etapa, vamos fazer os testes em vacas do câmpus da USP em Pirassununga, onde temos convênio. Aplicaremos radioterapia nos ovários e depois vamos implantar os fragmentos ovarianos. Vai ser a prova final para podermos passar à fase de avaliação em humanos”, relata Adriana, que ao final dessas etapas terá de pedir permissão à Anvisa e à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) do Conselho Nacional de Saúde.

Sem idade para engravidar – A evolução das técnicas de fertilização torna cada vez mais viável ter um filho na proximidade da menopausa com menos riscos. “Teoricamente, a mulher pode congelar óvulos aos 30 e ter um filho aos 50, já que as pesquisas estão avançando, tanto no campo da fertilização como no combate de doenças. E não é tarde, pois essa geração vai viver até os 95 anos”, diz o especialista em reprodução humana Nilo Frantz.

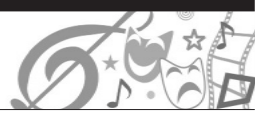
Segundo o médico, existe um alto nível de sucesso no congelamento de óvulos e no número de nascimentos. Difícil ainda é a criopreservação do tecido ovariano, porque somente pequenos fragmentos podem ser congelados e depois reimplantados no corpo a fim

de possibilitar que as mulheres tenham novamente a capacidade de produzir óvulos a partir do material implantado. Por outro viés, a reprodução assistida representa uma opção não só para as pacientes que tiveram câncer, mas também àquelas com histórico familiar de menopausa precoce.

Chances de sucesso – Com a tecnologia atual, a chance de ter bebês a partir da reprodução assistida não chega perto dos 50%, mas a pesquisa vem aprimorando a técnica, ressalta Adriana Bos Mikich. “Acredito que a cápsula de metal é um passo a mais para a sobrevivência do tecido ovariano, mas para saber se o bebê vai nascer só com a prova de ouro, que é a gestação no corpo da mulher”, considera.

Além da forma como a criopreservação é realizada, o laparoscopista (médico que vai reintroduzir o material na mulher) tem que ser um especialista para não danificar os ovários ou tecidos. Segundo a pesquisadora, se a paciente não tiver disfunções como trompas obstruídas ou ovários policísticos, não é tão difícil obter sucesso no procedimento até os 35 anos. Após essa idade, ela ressalta que as chances diminuem bastante.

O método tem como desvantagem ser mais invasivo, mas poderá ser mais efetivo do que o congelamento de óvulos num futuro próximo. “Se essa técnica já estivesse aprovada em humanos, eu testaria”, diz a advogada Ananda Pereira. Depois de um tratamento para a retirada do útero em função de um tumor, a esperança de ter um filho continua para a jovem de 26 anos. Há três anos, Ananda ficou doente, mas, assim como Carla, recorreu ao congelamento de óvulos e em dois anos pretende que a mãe dela seja a barriga de aluguel. “Na época me apeguei muito nisso e foi o que me deu força. Se não fosse a opção de congelar, não teria nada. Foi a minha saída”, conta emocionada.



O Brasil imaginário e os festejos de setembro



A figura do gaúcho, saudada como símbolo no 20 de setembro, ainda não superou o reducionismo banal

Comportamento Historiador da UFRGS diz que é preciso lembrar, mais para compreender do que para festejar

Jocelito Zalla*

Comemorações cívicas costumam ter uma dupla (e aparentemente contraditória) função: evocam imagens já consolidadas, muitas vezes idealizadas, do objeto celebrado; atualizam o passado referencial, sustentando novas relações sociais existentes no presente ou que se planejam para o futuro, redesenhando mitos, símbolos e tradições.

Por mais que regras sejam fixadas por agentes autorizados (como o Movimento Tradicionalista Gaúcho, MTG, no caso do gauchismo, ou o próprio Estado nacional, em ocasiões como a Semana da Pátria), os ritos são sempre dinâmicos, quer dizer, reelaboram os limites da memória pública de acordo com contingências momentâneas, mostrando que o passado só tem significado para

uma sociedade à medida que cumpre funções no presente.

Nesse sentido, festejos como os que seguem no mês de setembro nos dão uma boa oportunidade para

Por certo tempo, o Brasil que se celebrou foi o da Europa nos trópicos

pensarmos sobre nós mesmos, o que fomos, o que somos e o que queremos. Não seria, então, boa ocasião para qualificarmos essas reflexões?

Por certo tempo, o Brasil que se

imaginou e celebrou foi o da Europa nos trópicos. Nossos intelectuais viam no país apenas a continuidade cultural com a mãe Portugal. Com o romantismo, e a necessidade de declarar também a independência simbólica da antiga metrópole, uma visão idealizada de nossas origens autóctones, com indígenas e caboclos bastante artificiais, foi criada pela literatura local. Os primeiros olhares do centro do novo país a suas periferias, geográficas e sociais, inventaram tipos ainda bárbaros, todavia nobres, porque livres das mazelas civilizacionais. Caricaturas positivadas de índios, sertanejos e gaúchos povoam nosso imaginário coletivo desde então.

No entanto, tais representações foram cedendo espaço a outras mais negativas, que nos apresentavam como nação degenerada, incapaz de

progredir por sua condição geográfica desfavorável, com seu clima quente, além da miscigenação; problemas do ponto de vista das teorias raciais do final do século XIX. Os bravos Peris deram lugar a pobres Bertolezas, fadadas à condição subalterna.

Só conseguimos ultrapassar tais preconceitos com o advento da I Guerra Mundial. Os horrores presenciados no continente europeu colocaram em xeque sua posição de modelo a ser seguido. Nos anos 1920, o movimento modernista empreendeu uma busca às raízes do Brasil, direcionando novamente lentes positivas ao interior do país. Na sequência, Gilberto Freyre conciliaria tradição e modernidade, resolvendo possíveis suspeitas quanto a arcaísmos ainda existentes, e elaboraria a visão da integração das três grandes raças – branca, negra e indígena –, como algo salutar para o desenvolvimento da nação, mascarando, no entanto, o conflito da dinâmica social brasileira.

A busca pelo Brasil “verdadeiro” não parou aí. Mas podemos afirmar que até a primeira metade do século XX uma série de imagens fortes estavam disponíveis a usos comemorativos e identitários. Muitas delas retornam em momentos como este, seguindo, como dito, necessidades atuais.

O civismo irrefletido nos leva a repetir representações estereotipadas

Evidentemente, hoje são mais os aspectos positivos que se ressaltam. Mas o civismo irrefletido ainda nos leva a repetir representações estereotipadas, rabiscos preconceituosos de culturas e grupos que continuamos a empurrar para fora da história, apesar de algumas concessões no calendário, como a diversidade indígena reduzida ao mito do bom selvagem ou o negro visto como coadjuvante na construção do Brasil. O que dizer das mulheres, quase sempre esquecidas no processo de caracterização do país, e de muitos outros segmentos sociais e culturais minoritários e marginais que não se reconhecem naqueles símbolos? Por mais amplas e variadas que as imagens tradicionais sobre o Brasil e os brasileiros venham a ser, ainda não superamos reducionismos banais, nem abandonamos espectros do real tomados como típicos e representativos.

Os ritos também são dinâmicos porque já se mostraram campos de disputa e arenas de debate; no entanto, muitas vezes refratários às vozes dissidentes. Qualificar as reflexões sobre nossa sociedade implica a abertura para a diversidade e a divergência, fugir de esquemas prévios de leitura do mundo e deixar a complexidade entrar em cena; no lugar do civismo, construir políticas de memória inclusivas e críticas e (re)exercitar o olhar para si e para o outro. Lembrar, mais para compreender do que para festejar, pode ser uma boa posição a se tomar nos dias que virão.

*Historiador e professor do Colégio de Aplicação da UFRGS

JU indica

Ponto de Partilha II Oficina Literária de Valesca de Assis

Valesca de Assis e Ronaldo Lucena (organizadores)
Porto Alegre: Litteralis, 2012, 136 páginas, R\$ 25



Doze autores escreveram *Ponto de Partilha II*. Ana Cristina Duarte, Edell Link, Evani Wolff, Geraldo Vianna, Josete Obino, Jussara Lucena, Maria Helena Meyer, Maria Teresa do

Valle, Marilene Somnitz, Nara Accorsi, Ronaldo Lucena e Valéria Santoro foram participantes da oficina literária de Valesca de Assis.

Para apresentar a obra, Valesca se utiliza da lenda do nascimento de Virgílio. Em Mântua, no século I. a.C., uma mulher grávida sonha com um pé de loureiro e, ao consultar o oráculo, fica sabendo que dará à luz um poeta de glória e reconhecimento. É como Valesca define seus alunos: “Pessoas talentosas e carregando um sonho – às vezes por muito tempo – que procuraram um ambiente em que pudessem se expressar”. As 36 narrativas que compõem o livro, três de cada autor, são um reflexo dessa expressão, trazendo a sensibilidade e o potencial criativo dos novos escritores.

O objetivo da oficina era criar um caminho entre as histórias existentes no imaginário dos participantes e a materialização dessas narrativas por meio da escrita. Ao exercitar a memória afetiva, valendo-se de técnicas de desbloqueio utilizadas por Valesca, os autores revelam sua voz literária em pequenos contos de temática e estilo variados. São histórias que giram em torno das relações familiares, da passagem do tempo, do passado e das pequenas angústias humanas.

A despeito de apresentarem uma estrutura semelhante, as narrativas diferem entre si quando se percebe o estilo e as ideias de cada autor. No conto “A árvore do Japão”, Josete Obino traz a história de três gerações que viveram na mesma casa. A personagem criada pela autora brinca com a geografia e desafia a imaginação dos netos com uma laranjeira que cresceu para o outro lado do mundo. Marilene Somnitz escreve sobre os sofrimentos de origem familiar em histórias tensas, contadas por personagens que carregam mágoas, traumas e perdas. E no texto “No limite”, de Nara Accorsi, um protagonista escritor abre espaço para a metaliteratura ao falar do processo criativo e de finalização de um livro.

Ponto de Partilha II é uma reunião de histórias criadas por quem decidiu se arriscar na escrita. A partilha com os leitores encontra-se nos detalhes autorais presentes nos contos, todos estruturados sobre uma base sólida de vivências emocionais. Alguns autores vão além, e trazem imagens e personagens menos realistas, como é o caso das histórias de Ana Cristina Duarte, que abrem a antologia.

Com voz precisa e refinada, Ronaldo Lucena descreve casos de infância. A poesia de “A escrita do chão”, conto que recebeu menção honrosa no Prêmio Off Flip de Literatura em 2010, fala ao leitor das sementes de silêncios e de palavras, e em “A distância do meu braço”, entre imagens da beira de uma praia, o protagonista narra a perda do irmão para o mar. A coletânea termina com os contos de Valéria Santoro: “Jacaré nas Nuvens”, sobre tudo o que fica para trás com a chegada da vida adulta; “Lembranças”, que retrata o sofrimento no hospital; e “Se conselho fosse bom...”, a respeito de decepções no casamento.

As histórias nascidas na oficina refletem o desejo de escrever e mostram que, com a prática, pode-se chegar a uma dicção narrativa particular. Além do gosto pelos livros e pela leitura, os autores de *Ponto de Partilha II* dividem com o leitor o exercício não só da linguagem, mas da imaginação. (Priscila Kichler Pacheco)



Contar histórias

Literatura *As ideias e as narrativas que se expressam por meio das palavras*

“Não faço nada sem alegria” era uma das máximas de Michel de Montaigne, ensaísta francês que via na leitura uma forma de felicidade. Jorge Luis Borges também pensava assim. Para o argentino, se lemos alguma coisa com dificuldade, é porque o autor fracassou: “O livro é uma das espécies de felicidade que nós, homens, temos”, atestou em uma conferência publicada no livro *Borges Oral & Sete Noites*.

Na Antiguidade, os livros eram vistos apenas como sucessores da palavra oral. Do Oriente, veio o conceito de livro sagrado, e obras de diferentes épocas e autores – o Corão, a Bíblia, a Torá – foram atribuídas a um espírito único. Entre todas as concepções, existe uma que parece satisfatoriamente agradável: a dos livros como companheiros que tornam possível a visita a outras esferas, pensamentos, tempos e vidas. E o ato de escrevê-los, para quem lê, é objeto de curiosidade e admiração.

Homens de letras – No início do século XX, a imprensa no Brasil passava por um período de expansão. Jornalismo e Literatura se confundiam, sendo exercidos na maioria dos casos pela mesma pessoa. As redações dos jornais eram ocupadas por escritores jornalistas com o status de estrelas da literatura, como Olavo Bilac, príncipe dos poetas, e Coelho Neto, príncipe dos prosadores. Os escritores de sucesso de cem anos atrás eram os chamados “homens de letras”, sujeitos sem formação específica que não seguiram nenhuma das profissões imperiais – direito, engenharia, medicina – e acabaram jornalistas.

Escrever tem a ver com encontrar uma voz própria: um jeito de contar histórias que seja único

Hoje, o cenário é outro, e as duas áreas são separadas por limites visíveis, seja em termos de conteúdo, linguagem ou publicação. O que permanece é o gosto pela literatura, o desejo de tê-la como algo de que se possa sobreviver e a realidade que ainda nega essa possibilidade no Brasil. “Não dá pra viver de direitos autorais, mas do que cerca a literatura – palestras, debates, prefácios, resenhas – é possível. É um tanto irônico”, observa Antônio Xerxes, formado em Letras pela UFRGS e redator do site do Instituto Moreira Salles, em São Paulo. Aos 28 anos, Antônio escreveu o romance “Areia nos dentes” (2008) e o livro de contos “A página assombrada por fantasmas” (2011). Editor na Não Editora, criada para publicar jovens autores, ele questiona a configuração da vida literária na capital gaúcha: “Porto Alegre não paga bem os serviços na área. É uma cidade que não valoriza profissionalmente a cultura, porque acha que todos estão dispostos a trabalhar por

um espaço na mídia. Mas o custo de vida é baixo. Dá pra viver de literatura em Porto Alegre trabalhando para empresas de fora. Contraditório, não?”

Com as possibilidades advindas da internet, mais autores publicam, e a variedade que satura o mercado pode dificultar a escolha para os leitores. Ser escritor hoje é fazer parte de uma produção literária múltipla e heterogênea, na qual mais pessoas escrevem sobre mais assuntos – mas que nem por isso deve em qualidade à já feita antes ou à produzida no resto do mundo. “Nossa literatura é muito forte. O problema é que escrevemos numa bela língua que não tem curso universal. Se nossos autores escrevessem em inglês, francês ou espanhol, seriam lidos em todos os países cultos do mundo”, aponta Sergio Faraco, autor nascido em Alegrete com mais de 20 obras publicadas.

Um dia de palavras – “Escrevo solitariamente, como sempre fiz. O que vem depois é imponderável e quase nunca depende do escritor – ele pode ir a todas as feiras e dar todas as entrevistas, o que talvez ajude, mas isso nada tem a ver com a qualidade do trabalho dele. Misturar as duas coisas, ou seja, produzir para atingir um resultado mercadológico, é a morte do escritor.” As palavras são de Michel Laub, escritor gaúcho de 39 anos, autor de cinco romances, o mais recente deles “Diário da queda” (2011). Para ele, escrever tem a ver com encontrar uma voz própria: um jeito de contar histórias que seja só da pessoa.

Quem escolhe viver de palavras muitas vezes encontra na escrita menos uma fonte de renda do que um hábito que se torna necessário para a própria vida. “No meu caso, ser escritor é reconhecer que existe essa necessidade da escrita como expressão e que eu vou fazer isso não importa como esteja minha vida no sentido prático. Porque é o que eu gosto, e, se puder viver fazendo o que eu gosto, melhor. Se um dia não puder mais, vou fazer outra coisa, mas vou manter meu trabalho literário protegido”, define Daniel Galera, autor do livro de contos “Dentes guardados” (2001) e dos romances “Até o dia em que o cão morreu” (2003), “Mãos de cavalo” (2006) e “Cordilheira” (2008), além da *graphic novel* “Cachalote” (2010, em parceria com o ilustrador Rafael Coutinho).

Faraco entende que o escritor se diferencia pelo sentir: “Todos nós temos inclinação para ‘viver’ vidas que não são nossas, isto é, sentir o que sentiríamos se estivéssemos no lugar de alguém. É da condição humana. A diferença é que o escritor tem esse dom priorizado no seu modo de sentir”. Mas a vida dos escritores, mesmo que movimentada por convites para eventos literários ou outros trabalhos, não é essencialmente diferente da dos leitores. “É igual a do comum das pessoas, ou talvez possa dizer que é mais comum ainda”, considera Faraco. Antônio vai além: “Para ser sincero, na maior parte do tempo nem lembro que sou escritor. Escrever é algo que só faço no meu tempo livre. E, por mim, tá tudo bem”.

A fala dos livros – Diferentes dos jornais, que facilmente caem no es-



FILIANO DUTRA/JU

“A voz literária hoje é muito mais uma questão de visão de mundo, é daí que surgem o novo e o original: visões de mundo diferentes que veem as coisas por outro ângulo”

Daniel Galera

quecimento, livros são registros da imaginação e da memória. Em *César e Cleópatra*, de Bernard Shaw, a biblioteca de Alexandria foi tida como a “memória da humanidade”, enquanto consumida pelo fogo. Bibliotecas são memórias porque o passado é a matéria dos livros: escrever uma história é fixá-la no tempo – e é possível que se escreva justamente para descobri-la. “Meu ponto de partida é algo que o ato de escrever me ajuda a compreender. Nunca sei o que vai acontecer, então eu diria que escrevo para descobrir a história”, constata Faraco. Para Michel, “sempre foi um mistério e continua sendo. Deve ter algo a ver com o desejo de expressão e com vaidade”.

A cada autor, uma voz: seu jeito de contar histórias. E, embora o mesmo livro seja diferente para leitores diferentes, esse jeito – a linguagem e o estilo – é um só: a própria personalidade de quem escreve, a maneira como o escritor revela seu modo de ver e de pensar. Antônio diz que não acredita em originalidade; segundo ele, é preciso encontrar um frescor narrativo. Faraco usa a definição de Truman Capote: para o autor gaúcho,

o estilo é o espelho da sensibilidade. Michel considera que seja a maneira de pensar de quem escreve. E Daniel acredita que se trate da forma do escritor de ver o mundo e convertê-lo em linguagem, “desenvolvida desde o nascimento, desde que começamos a conversar e a perceber as coisas”.

Escreve-se por necessidade, para se expressar ou para materializar ideias antes existentes apenas no imaginário. Contar histórias é uma das formas de expressão encontradas pelo homem. E, para o autor de “Cordilheira”, escrever é justamente o processo de entender essas histórias. “Acredito que as coisas que imaginamos à revelia da vontade, que parecem nos mover de alguma forma, não estão ali por acaso. O ser humano é viciado em contar histórias: a consciência nada mais é do que uma maquininha de contar histórias que não conseguimos desligar. E nós damos vazão a essa necessidade de diferentes maneiras. Os verdadeiros escritores são as pessoas para quem o meio de suprir essa necessidade se revelou a escrita”, reflete, para depois completar: “Para quem escolhe a literatura como forma de expressão, e descobre que essa é sua linguagem

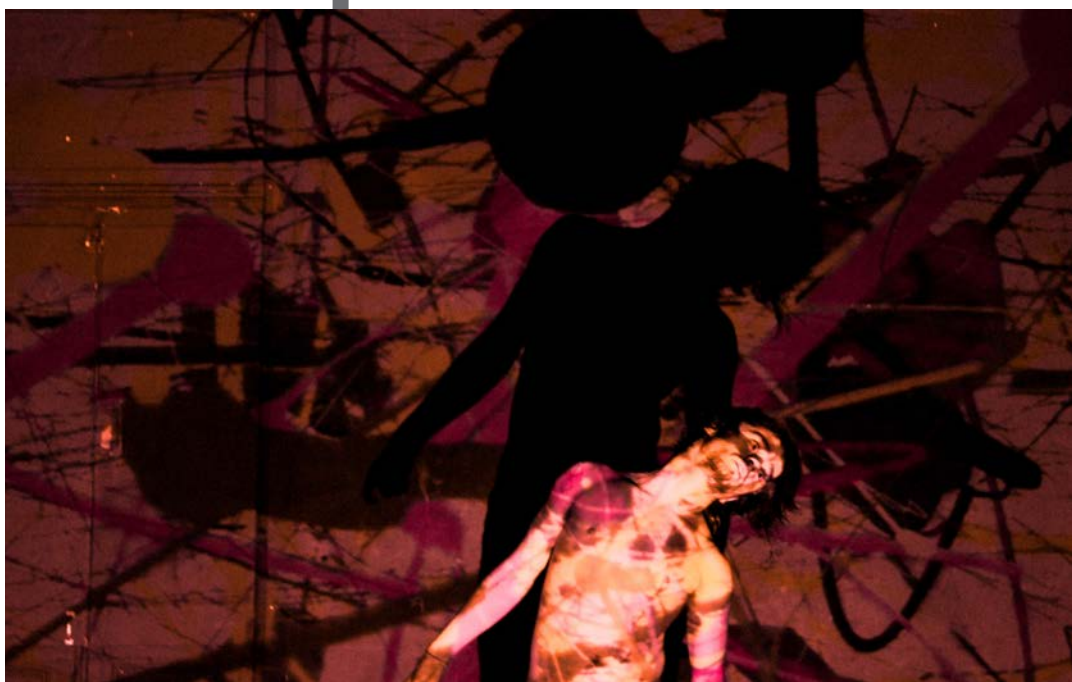
principal, isso se torna uma necessidade, a partir de certo momento. Porque percebemos que não escrevendo vamos ser mais solitários, mais pobres em certo sentido. E escrever deixa de ser uma opção”.

Allan Gurganus e Paul Auster já disseram que “histórias só acontecem para quem tem capacidade de contá-las”. A frase divide opiniões, mas atenta para algo que diferencia, talvez se possa dizer, escritores de escritores. O escrever do escritor é diferente: contar histórias pede uma voz educada, que conheça os momentos de falar e de calar. “Se não tenho nada para escrever, vou varrer o pátio”, sentencia Faraco. Porque o propósito de escrever é a satisfação de uma vontade humana e, portanto, passível de falhas. No momento, porém, em que os livros ultrapassam essa vontade, tornando-se autônomos e não mais dependentes de seus autores – quando isso acontece, ganha forma a felicidade de que falam Borges e Montaigne.

Priscila Kichler Pacheco, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico

► **Redação** Bruno Cobalchini Mattos | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE



Diego Acauan atua no espetáculo multimídia "Sonhe", atração de setembro do projeto TPE

A matéria dos sonhos

Teatro Peça de Kevin Brezolin utiliza polifonia de sons e imagens para criar ambiente onírico

De onde vem o sonho? Foi a partir desse questionamento que Kevin Brezolin, estudante do 6.º semestre do curso de Teatro da UFRGS, criou o espetáculo multimídia *Sonhe*, que fica em cartaz na Sala Alziro Azevedo (Av. Salgado filhos, 340) entre os dias 5 e 26 de setembro. A peça, desenvolvida na cadeira de Fundamentos da Dramaturgia do Encenador, sob a orientação da professora Inês Marocco, faz parte do projeto *Teatro, Pesquisa e Extensão* e é resultado de mais de um ano de pesquisa realizada dentro da Universidade.

Com influências tão distintas como Samuel Beckett, Jackson Pollock, Kazuo Ishiguro e Steven Spielberg, *Sonhe* é uma colagem polifônica concebida originalmente como uma projeção audiovisual de curta duração baseada no poema *Os Três Mal-Amados*, de João Cabral de Mello Neto. Mais tarde, o estudante decidiu ampliá-la e adaptá-la para que contasse com a presença de um *performer*. Foi assim que se deu a entrada do colega do curso de Teatro Diego Acauan no projeto.

O desafio de inserir um ator em uma sequência herméutica de projeções foi facilitado pelo fato de Diego e Kevin serem ambos integrantes do coletivo Cia. Mulheres Públicas da Arte. Por isso, os dois trabalharam juntos em diversos âmbitos do processo criativo. "A gente até aquece junto antes do espetáculo", conta Diego, que chega a ficar 30 minutos na mesma posição antes de cada apresentação para atingir um estado de exaustão – uma estratégia para livrá-lo de pensamentos cotidianos que possam lhe tirar o foco durante a atuação. "O espetáculo exige disponibilidade, resposta rápida. Se você não dá atenção ao projetor, é engolido pela imagem", esclarece.

A necessidade de reação imediata vem da própria estrutura da peça, que pretende reproduzir a fragmentação desconexa que, na visão de Kevin, caracteriza o universo onírico. "Nós chegamos à conclusão de que o sonho tem muito de contraste. Você sonha que está em um lugar, mas segundos depois, está em outro completamente

diferente", afirma o estudante.

A sobreposição de sons e imagens é um dos recursos utilizados para ressaltar esses contrastes. "Na introdução, toca ao mesmo tempo uma música dos Racionais e outra do Nirvana", exemplifica o diretor, que aposta na aproximação de coisas aparentemente opostas para atingir o espectador. "Tenho certeza de que alguma inquietação eu vou causar. E é isso que o sonho desperta na pessoa: a reflexão de por que eu sonhei isso, por que isso passou pela minha cabeça?"

Sonhe é o espetáculo de estreia da Cia. Mulheres Públicas da Arte, um coletivo sem limitações ou barreiras entre teatro, música, dança e artes visuais. A peça será encenada nos dias 5, 12, 19 e 26 de setembro, em duas sessões diárias: às 12h30 e às 19h30. Haverá distribuição de senhas para ingresso uma hora antes do início do espetáculo. Para saber mais a respeito do coletivo Companhia Mulheres Públicas da Arte basta acessar o endereço <http://ciamulherespublicas.tumblr.com/>.

GINEMA

Mostra 50 Anos L.C. Barreto

Em parceria com o Arte SESC, a Sala Redenção exibe 11 filmes da produtora *LC Barreto*, uma das mais importantes do país, que comemora neste ano o seu 50.º aniversário.



VIDAS SECAS (Brasil, 1963, 103 min), de Nelson Pereira dos Santos

Afetada pela seca no Nordeste brasileiro, família de retirantes atravessa o sertão em busca de melhores condições de vida. Considerado uma das obras-primas do cinema nacional, o filme baseia-se no livro homônimo de Graciliano Ramos. Sessões: 3 de setembro, 16h; 6 de setembro, 16h

GARRINCHA, A ALEGRIA DO POVO (Brasil, 1965, 103 min), de Joaquim Pedro de Andrade
Documentário sobre a vida e a carreira do "gênio de pernas tortas", um dos mais célebres jogadores de futebol que já passaram pela seleção brasileira. Sessões: 3 de setembro, 19h; 4 de setembro, 16h



ISTO É PELÉ (Brasil, 1974, 71 min), de Luiz Carlos Barreto
Pouco conhecido do grande público, o filme analisa a trajetória de Pelé e busca entender que características o levaram a ser considerado o maior jogador de futebol de todos os tempos. Sessões: 4 de setembro, 19h; 5 de setembro, 16h

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS (Brasil, 1978, 115 min), de Bruno Barreto
Adaptação do livro de Jorge Amado que conta a história de uma viúva que, ao casar-se novamente, passa a conviver com o fantasma do primeiro marido. Sessões: 6 de setembro, 19h; 10 de setembro, 16h

INOCÊNCIA (Brasil, 1985, 115 min), de Walter Lima Jr.
Trágica história de amor entre um viajante e a jovem filha de um fazendeiro, que já havia sido prometida por seu pai a um homem rico da região. Baseado no livro de mesmo nome escrito por Alfredo Taunay. Sessões: 13 de setembro, 16h; 21 de setembro, 16h

LIÇÃO DE AMOR (Brasil, 1975, 85 min), de Eduardo Scorel
Família rica do início do século XX contrata governanta alemã para, além de cuidar da casa, iniciar sexualmente o

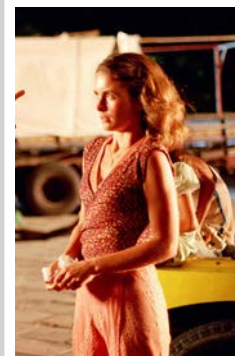
seu filho adolescente. A obra é inspirada no livro de Mário de Andrade *Amar, Verbo Intransitivo*, que critica o moralismo da sociedade paulistana dos anos 1920. Sessões: 10 de setembro, 19h; 11 de setembro, 16h

BYE BYE BRASIL (Brasil, 1980, 115 min), de Cacá Diegues
Road-movie sobre três artistas mambembes que atravessam o país em um caminhão, encenando uma comédia para as populações que ainda não têm acesso à televisão. Sessões: 11 de setembro, 19h; 12 de setembro, 16h

BEIJO NO ASFALTO (Brasil, 1984, 80 min), de Bruno Barreto
Adaptação cinematográfica da peça de Nelson Rodrigues sobre homem que, à beira da morte após ter sido atropelado, é beijado na boca por outro homem. A cena é explicada ao espectador por meio de flashbacks da vida dos personagens. Sessões: 13 de setembro, 19h; 14 de setembro, 16h; 21 de setembro, 19h

O QUATRILHO (Brasil, 1995, 110 min), de Fabio Barreto
Situada em uma pequena colônia de imigrantes italianos no Sul do Brasil no início do século passado, a trama exibe os detalhes de uma inesperada troca de casais. Sessões: 14 de setembro, 19h; 17 de setembro, 16h

O QUE É ISSO COMPANHEIRO? (Brasil, 1996, 113 min), de Bruno Barreto
Baseado no livro-relato de Fernando Gabeira, a obra conta o sequestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick por militantes de esquerda, que tinham como objetivo trocá-lo por presos políticos durante a ditadura militar. Sessões: 17 de setembro, 19h; 18 de setembro, 16h



O CAMINHO DAS NUVENS (Brasil, 2003, 87 min), de Vicente Amorin
Desempregado e analfabeto, Romão decide deixar a Paraíba e ir ao Rio de Janeiro em busca de trabalho. Acompanhado pela mulher, Rose, e seus cinco filhos, ele percorre todo o trajeto de bicicleta, enfrentando a fome, o cansaço e diversos perigos que surgem em seu caminho. Sessões: 18 de setembro, 19h; 19 de setembro, 16h

Sessão com Audiodescrição

OLHARES (Brasil, 2012, 50min), de Felipe Leão Mianes e Mariana Baierle Soares
Documentário sobre o acesso à cultura para deficientes visuais. Sessão: 5 de setembro, 19h

CineDebates em Direitos Humanos

Exibição mensal de filmes sobre educação e direitos humanos na Sala Redenção. As sessões têm entrada franca e são seguidas por debates.

A COPA DOS 20 DE NOVEMBRO (Brasil, 2012, 60min), de Giancarla Brunetto e Mauro Souza
Documentário filmado em Porto Alegre que revela o paradoxo de uma cidade que se prepara para sediar a Copa do Mundo, mas não é capaz de oferecer serviços fundamentais à população. Sessão: 12 de setembro, 19h

História da Arte e Cinema: Heterotopias

Ciclo gratuito que apresenta todos os meses na Sala Redenção filmes ligados à temática da produção artística.



SOMBRA DE GOYA (*Goya's Ghosts*, 2006, EUA e Espanha, 113 min), de Milos Forman
O mestre da pintura Francisco Goya vê-se em meio a um cenário conturbado, tendo de lidar com os terrores da Inquisição e da invasão iminente da Espanha pelas tropas de Napoleão. Após a sessão, haverá comentários de Cláudia Strohmayr de Moura e Marcelo de Souza Alves, bacharelandos em História da Arte pela UFRGS. Sessão: 19 de setembro, 19h

Cinema e Pensamento Africano

MOOLADÉ (Senegal e Burkina Faso, 2004, 120min), de Ousmane Sembene
Contrariando a tradição da sociedade rural em que vive, uma mulher decide refugiar em sua casa quatro meninas para protegê-las de um ritual de excisão clitoriana, dividindo a comunidade. Sessão: 26 de setembro, 19h

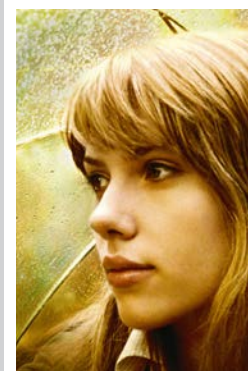
Mostra Sofia Coppola

Programação especial dedicada à diretora norte-americana. Oriunda de uma família ligada ao cinema (é prima do ator Nicolas Cage e filha do cineasta Francis Ford Coppola), a nova-iorquina dirigiu quatro longas-metragens.

AS VIRGENS SUICIDAS (*The Virgin Suicides*, EUA, 1999, 97 min)
Após o suicídio de Cecília, de 13 anos, casal decide proibir suas outras quatro filhas de interagirem com rapazes. Diante das

restrições e da superproteção, as belas jovens buscam maneiras de driblar as regras impostas pela mãe.

Sessões: 24 de setembro, 16h; 27 de setembro, 16h



ENCONTROS E DESENCANTOS (*Lost in Translation*, EUA, 2003, 101 min)

Em um hotel em Tóquio, ator conhece jovem que passa os dias trancada em seu quarto, enquanto o marido fotógrafo trabalha na cidade. Desanimados com suas vidas, os dois desenvolvem uma relação de compreensão mútua. Sessões: 24 de setembro, 19h; 25 de setembro, 16h

MARIA ANTONIETA (*Marie Antoinette*, EUA, 2006, 122 min)
Mesclando drama e comédia, a obra é livremente inspirada na vida da arquiduquesa da Áustria que se tornou rainha da França. A história tem início nos primeiros anos de sua adolescência e termina pouco antes da irrupção da Revolução Francesa. Sessões: 25 de setembro, 19h; 26 de setembro, 16h



UM LUGAR QUALQUER (*Somewhere*, EUA, 2010, 97 min)

Após sofrer um acidente durante uma sessão de filmagens, ator de Hollywood hospeda-se em um hotel de luxo e passa os dias com *strippers* ou dirigindo a sua Ferrari. Mas sua rotina é alterada drasticamente quando passa a receber visitas constantes de sua filha de 11 anos. Sessões: 27 de setembro, 19h; 28 de setembro, 16h e 19h

ONDE?

► **Praça Central do Câmpus do Vale**
Av. Bento Gonçalves, 9.500
Fone: 3308-3933

► **Sala II do Salão de Atos**
Av. Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3066

► **Sala Fahrion**
Av. Paulo Gama, 110 - 2.º andar
Fone: 3308-3933

► **Sala Redenção**
Rua Luiz Englert, s/n.º
Fone: 3308-3933

► **Salão de Atos**
Av. Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3066

MÚSICA

Unimúsica

UNIVERSO PERCUSSIVO BAIANO

Palestra seguida de workshop com a participação de Letieres Leite e outros cinco integrantes da Orquestra Rumpilezz. Os interessados podem levar seus instrumentos para participar de uma prática conjunta. Data: 5 de setembro
Local e horário: Salão de Atos, 20h
Acesso mediante inscrição prévia pelo site www.difusao cultural.ufrgs.br a partir das 9h do dia 3 de setembro.

LETIERES LEITE & ORKESTRA RUMPILEZZ

Apresentação do conjunto vencedor do Prêmio Bravo! 2010 de Melhor Álbum Popular e do prêmio da Música Brasileira do mesmo ano nas categorias Revelação e Melhor Grupo Instrumental. Criação pelo maestro Letieres Leite, o grupo busca inspiração no candomblé, no



jazz e na música sacra. Data: 6 de setembro
Local e horário: Salão de Atos, 20h
Retirada de senhas para ingresso mediante a doação de um quilo de alimento não perecível a partir de 3 de setembro, no mezanino do Salão de Atos da UFRGS.

Núcleo da Canção

Programa realizado em parceria entre os institutos de Letras e de Artes e o Departamento de Difusão

Cultural com o objetivo de trocar conhecimentos sobre a canção popular brasileira. Coordenação de Luís Augusto Fischer e Luciano Zanatta.

VINIÚS BRUM
Conversa com o compositor e violonista, que lançou em julho o álbum "Assim na terra - Canções". O disco é inspirado no romance homônimo do amigo e parceiro Luiz Sérgio Metz. Data: 10 de setembro
Local e horário: Sala Fahrion, 19h
Entrada franca

Vale Doze e Trinta

Projeto do Depto. de Difusão Cultural (DDC) da Pró-Reitoria de Extensão, que abre espaço para apresentações de novas bandas. Os grupos foram selecionados pelo público por meio de votação na página do DDC no Facebook.



CLARISSA MOMBELLI
Concerto com a cantora Clarissa Mombelli, que interpreta canções antigas e do seu próximo disco, que será lançado no fim do ano. Clarissa, que também toca violão em seus concertos, será acompanhada por uma banda com baixo, teclado e bateria. Data: 11 de setembro
Local e horário: Praça Central Câmpus do Vale, 12h30
Em caso de mau tempo o show será transferido para o dia seguinte.

Meu Lugar

na UFRGS

Espaço de cooperação

Quem entra no prédio do Instituto Eletrotécnico, onde hoje funciona o curso de Engenharia Elétrica da UFRGS, logo se sente transportado no tempo. Para se chegar ao terceiro andar, toma-se um elevador cuja cabine de madeira ostenta aqueles botões pretos salientes – painel digital, nem pensar! Feita a viagem, ao entrar na sala que abriga o Diretório Acadêmico dos Estudantes de Engenharia Elétrica, o DAELE, uma surpresa. Se o imaginário relacionado a esses espaços é normalmente ligado à bagunça, tudo se desconstrói ao chegar à pequena sala. “Tem até ar condicionado”, faz questão de ressaltar o estudante Miguel Andorffy. Engana-se quem pensa que o aparelho é velho; é do tipo split.

O visitante logo tem o olhar atraído para um relógio digital pendurado diante da entrada. O equipamento tem números vermelhos e traz a sigla DAELE em letras verdes. “Foi construído pelo Arthur Benemann, um colega que consideramos nosso cientista maluco. Ele inventa circuitos e projetos bem legais”, conta Miguel, enfatizando que o aparelho funciona há mais de um ano sem apresentar qualquer problema. Na sala há também um arquivo de quatro gavetas com provas e materiais de aulas de todas as disciplinas da Engenharia Elétrica. Quem precisar, só retira o material para fazer cópia. O interessante é que não apenas os alunos contribuem para o acervo, mas também alguns professores.

Na mesma parede, ainda, destaca-se um pôster com a clássica foto do físico Albert Einstein com a língua de fora. A imagem em preto e branco traz algumas marcas do tempo e tem um toque divertido: na ponta da língua do cientista foi colada uma lata de energético com uma placa indicando o preço. Conforme conta Miguel, isso – e também o pequeno frigobar com latas do produto à venda – se deve a uma parceria do diretório com a marca. “Vendem o produto mais barato que no supermercado. Para quem estuda à noite, é necessário”, diverte-se. Também há uma cafeteira no

Diretório para quem precisa de ajuda para manter-se desperto.

Para Miguel, no entanto, é a grande mesa que ocupa boa parte do espaço da sala o seu ponto preferido. O móvel serve para que grupos de alunos se reúnam para estudar. “Geralmente, dois ou três colegas que estejam no intervalo entre uma aula e outra vêm para cá, sentam e estudam juntos”, explica. O espírito é sempre de cooperação a ponto de Miguel definir o lugar como um centro de ajuda dos estudantes de Engenharia. Ele destaca, ainda, que essa vontade para tanto estudo e ajuda mútua é característica dos cursos de Engenharia. Segundo Miguel, para quem tem iniciativa, a UFRGS é talvez o melhor lugar do mundo para crescer. Além disso, o estudante faz questão de ressaltar que estudar sozinho não é uma boa ideia para quem quer tornar-se engenheiro. Isso não só pela dificuldade dos conteúdos a serem aprendidos, mas também pela futura necessidade de trabalhar em equipe.

Dentro dessa realidade, o DAELE tem certa magia: quem está no prédio da Engenharia Elétrica sempre dá uma passada pelo Diretório ao chegar ou sair das aulas. E há aqueles que se demoram por lá para estudar ou mesmo para relaxar. Nesse caso, há jogos de videogame nos computadores e também um sofá que favorece uma soneca – é possível juntar dois móveis e improvisar uma *chaise longue*, como Miguel faz questão de demonstrar. A partir deste semestre, o estudante não faz mais parte do corpo discente da Engenharia Elétrica; pediu transferência para a Engenharia de Produção. Garante, no entanto, que não vai deixar de frequentar o democrático espaço “que é o lugar onde todo mundo está”.

Everton Cardoso

As entrevistas aqui publicadas serão exibidas na UFRGS TV (Canal 15 da NET) diariamente, às 20h e às 23h.

Perfil



Belo enredo

Angela da Costa Franco Jobim Apaixonada por livros, trouxe o ensino de Biblioteconomia para o Rio Grande do Sul

Dona Angela guia com orgulho a repórter pela casa cheia de livros. Da estante no corredor às prateleiras em vários dos cômodos, a casa é repleta de edições com uma diversidade de capas, autores e nacionalidades. “Essa prateleira é de livros de autores estrangeiros; essa, de poesias; essa outra, de livros nacionais”, aponta Angela da Costa Franco Jobim. Aos 94 anos ela conserva a paixão e o hábito da leitura. O cuidado e a organização com as publicações não são por acaso: Angela foi a primeira professora de Biblioteconomia do estado em uma época na qual os bibliotecários assumiam o cargo sem formação na área e nem se ouvia falar em um curso superior de Biblioteconomia. Apesar de não ter sido professora da Universidade, seu pioneirismo marca a trajetória do curso de Biblioteconomia da UFRGS. “Fui homenageada diversas vezes”, recorda.

Infância no interior – “Eu me arrumo. Acho tão triste velha relaxada, desarrumada”, confessa Angela, que com as unhas pintadas, batom nos lábios e brincos nas orelhas abriu sua casa para contar um pouco de sua história.

Filha de pais cariocas e a quarta na sequência de oito irmãos, Angela nasceu em Santa Vitória do Palmar, no interior do Rio Grande do Sul, mas cresceu em Jaguarão, onde viveu dos 2 aos 16 anos. Sendo o pai juiz de direito, o casal Costa Franco morou em várias cidades do interior. Do primário na escola de freiras franciscanas, ela lembra das travessuras que fazia. “As irmãs, coitadas, passavam trabalho comigo”, diverte-se. Angela lembra que, para assustar as colegas no porão do colégio, pegou um lençol, colocou sobre a cabeça e fingiu ser um fantasma. “Avisai as gurias que tinha uma alma do outro mundo no porão e fui para lá com aquele lençol branco sobre a cabeça”, conta. Depois de todo o tumulto, o pai foi chamado à escola. Por desentendimentos e pelas traquinagens da menina, optou por tirá-la do colégio antes de completar os sete

anos do primário. Naquela época, o ensino não era obrigatório, e Angela estudou por um ano e meio em casa com a irmã mais velha para o exame de admissão no magistério. Apesar da prova ser exigente, ela foi aprovada e, aos 13 anos, iniciou o curso no internato do Colégio São José em São Leopoldo.

Aos 16 anos, já havia se formado “aluna-mestra” – não chamavam de professora naquele tempo – e se mudou com a mãe e os irmãos para Porto Alegre, em 1935, após a morte do pai. “Quando vim pra cá, meu Deus, ainda tinha bonde. No tempo em que eu lecionava, lembro-me de andar de bonde sempre”, rememora Angela, que acompanhou o crescimento da cidade desde a década de 30, quando começou a trabalhar como professora em um colégio de freiras. “Até hoje, de vez em quando, encontro uma aluna que lembra de mim”, fala com nostalgia.

Apesar de gostar muito de dar aulas, o salário era pouco e ela deixou a escola para trabalhar como oficial-administrativa na Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. “Achava que para ser feliz a gente tinha de trabalhar em alguma coisa que gostasse, e eu detestava ser oficial-administrativa”, confessa Angela, que logo mudou de departamento quando abriu uma vaga na biblioteca. Por gostar de livros, achou que teria afinidade com a profissão. Dito e feito.

Pioneirismo – “Naquele tempo não existia curso de espécie alguma. Os bibliotecários em geral eram pessoas cultas ou apreciadores da leitura ou, frequentemente, pessoas que escolhiam a profissão por julgá-la calma e tranquila”, comenta. As dificuldades surgiram quando se deparou com aquela biblioteca desorganizada: “Achei impossível que não houvesse regras estabelecidas. Não sabia de Biblioteconomia nem de curso nessa área”, afirma Angela, que percorreu todas as livrarias da cidade buscando livros sobre o assunto, mas encontrou apenas dois, bastante sumários. Pediu então ao diretor-geral da Secretaria de Agricultura para fazer um estágio em uma biblioteca do Rio ou São Paulo e, aos 25 anos, passou um mês no Rio de Janeiro, no Departamento Autônomo de Serviço Público (DASP). “Sempre fui muito independente”, resalta ao responder se havia partido sozinha para a cidade.

Na capital carioca, Angela descobriu os cursos de formação em sua área, na época, com duração de um ano. Por coincidência, encontrou o diretor da Escola de Biblioteconomia de São Paulo, Rubens Borba de Moraes, conversou com ele e lhe foi

oferecida uma bolsa para estudar na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSPSP). “Fiz o curso em 1946 e, modéstia à parte, fui muito boa aluna, tirei o primeiro lugar da escola e fui oradora da turma”, comenta orgulhosa mostrando o livro *São Paulo de Outrora*, que recebeu como prêmio.

Na volta para Porto Alegre, em 1947, a convite do diretor da antiga Faculdade de Economia da UFRGS, pode retribuir a oportunidade que havia recebido em São Paulo, organizando junto à Faculdade um curso livre de um ano para ensinar Biblioteconomia. As disciplinas cursadas pelos 31 alunos foram: Organização e Administração de Bibliotecas, Catalogação, Classificação, Bibliografia e Referência e História do Livro. Nesta última matéria, Angela teve o auxílio da historiadora Florinda Tubino Sampaio. “E deu bastante trabalho, porque imagina: alunos adultos, alguns mais velhos do que eu, pessoas muito interessadas porque já no exercício da profissão. Eu tinha muita preocupação em dar um curso mais ou menos no nível do que tive em São Paulo”, afirma. Por não possuir diploma universitário, após a formatura da primeira turma, Angela não pôde continuar dando aulas. Por isso, o curso não se renovou na Universidade, mas vinculou-se ao Departamento do Serviço Público do estado até 1949.

Angela trabalhou como bibliotecária até os 33 anos, quando passou a se dedicar exclusivamente à casa e aos filhos – um casal com o qual até hoje mantém forte contato. Sobre o presente, ela comenta que adora viajar, cultivar amizades, bordar e, claro, ler. O horário antes de dormir é sagrado: “Às vezes, abuso. Vou até uma hora, uma hora e meia, se o livro é estimulante”, comenta. Ela inspira jovialidade e, para manter contato com os irmãos e com os netos ausentes, utiliza o Skype – programa de conversas online. “Não lido muito com o computador, mas passo e recebo e-mails, faço alguma pesquisa no Google”, relata Angela.

Ao pesquisar o nome da ex-bibliotecária no buscador online, as principais referências são de trabalhos que envolvem a Biblioteconomia. Consagrada como a primeira professora da área na UFRGS, Angela recebeu muitas homenagens e abriu o 1.º Congresso de Biblioteconomia do RS. “Fico pensando que foi uma coisa importante que fiz na vida. Mais importante que isso só educar meus dois filhos: Gilda, arquiteta, e Nelson, jornalista”, reconhece.

Priscila Daniel, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico

FLÁVIO DUTRA/JU

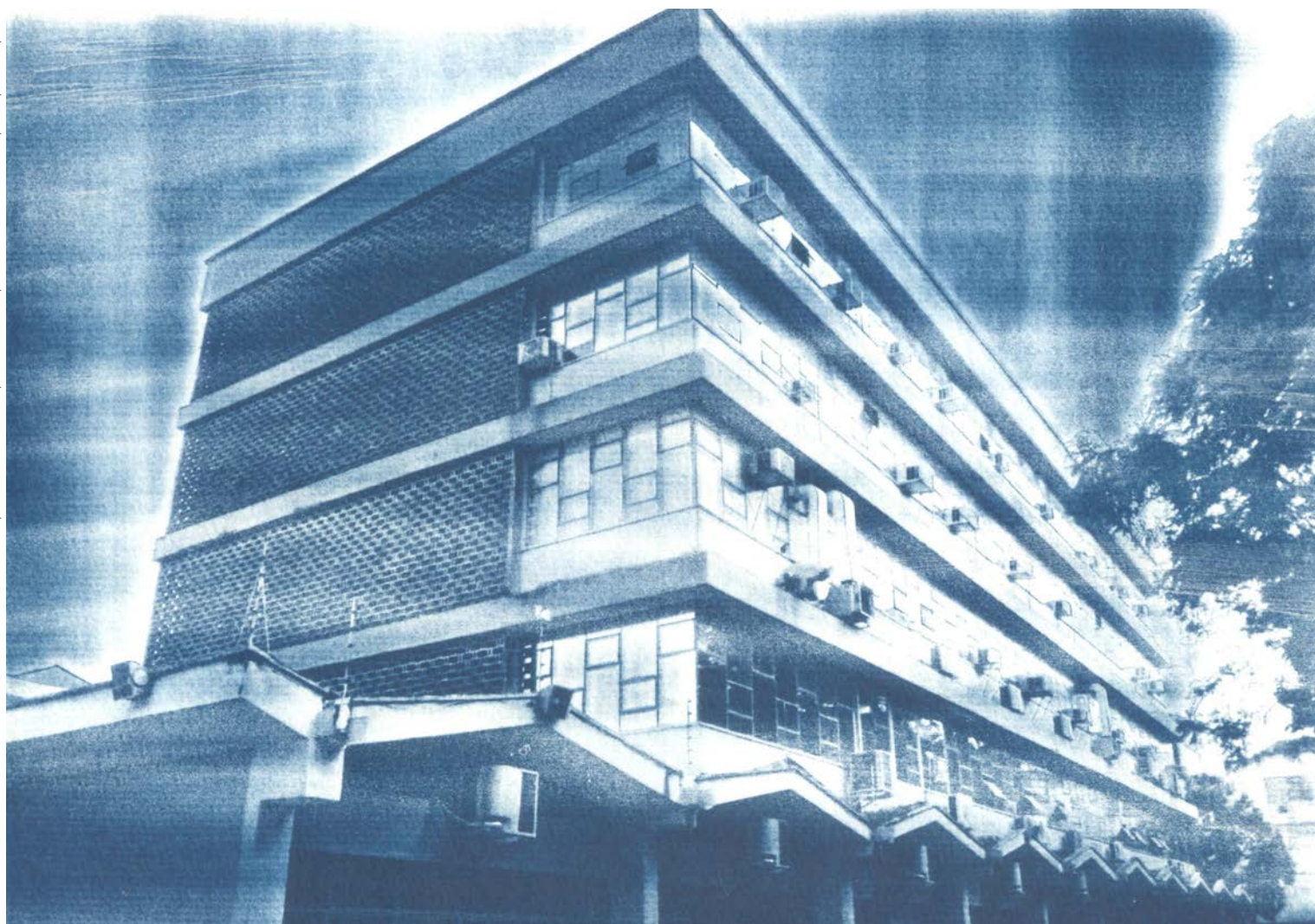


Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local



FELIPE BELTRAM MARCELO, SÉRIE MODERNISMO, SEM TÍTULO #1, CIANOTÍPIA SOBRE PAPEL, 2011, 21 X 29,7 CM



As imagens aqui apresentadas são parte do trabalho de 11 diferentes fotógrafos que se utilizam de processos chamados históricos. Suas pesquisas técnicas e estéticas versam sobre procedimentos não convencionais, recuperando a técnica e a história do cianotipo (emulsão fotossensível azul, baseada em sais de ferro), do marrom vandycke (emulsão fotossensível marrom, baseada em sais de prata) e dos phytotypes (emulsão fotossensível de diversas cores, baseada em pigmentos vegetais – tais como flores, frutas e legumes).

Estes trabalhos propõem uma exploração estética e técnica que aponta para o aprofundamento de formas processuais que enfatizam a materialidade da imagem fotográfica. Problematisa-se assim a questão da materialidade fotográfica nos processos históricos fotográficos.

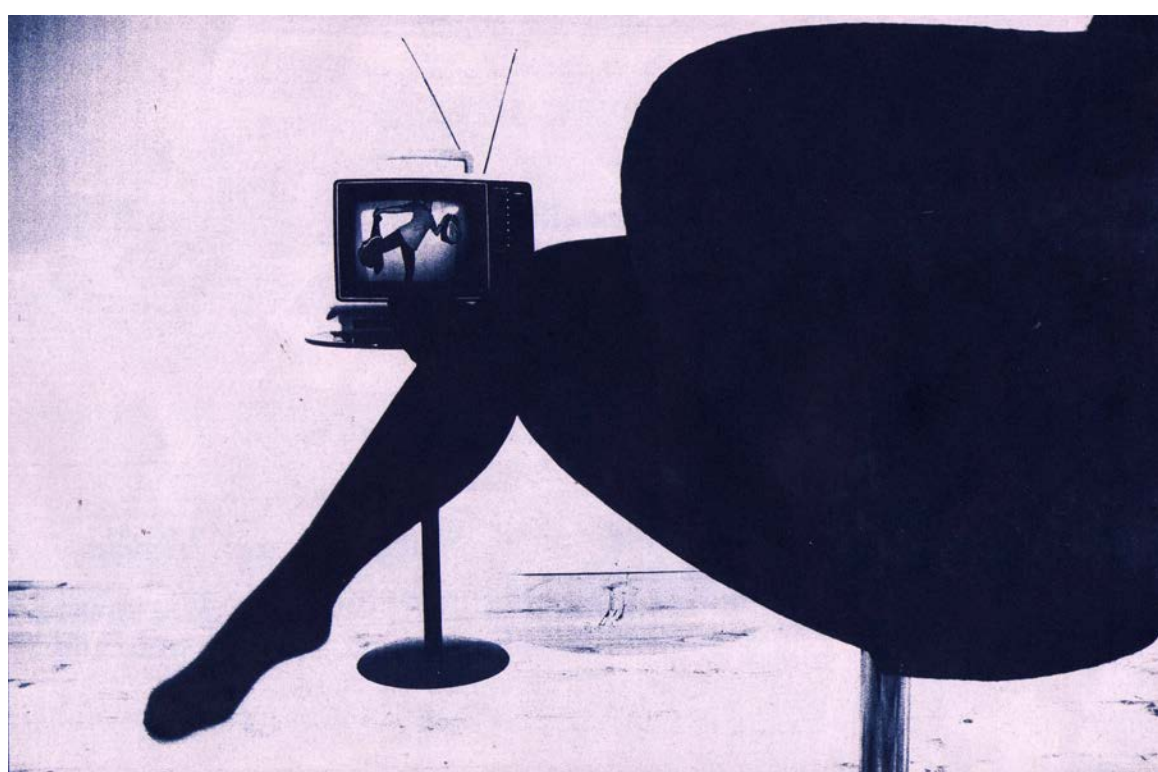
Na contramão da indústria moderna, estes fotógrafos optam pela produção artesanal de suas fotografias – através do uso do papel para pintura ou aquarela, e do emulsionamento artesanal dos materiais fotossensíveis. Tais procedimentos proporcionam o trato com o acaso, e, em decorrência disso, a irrepetibilidade do processo. Há uma incontabilidade em certo grau no resultado final das imagens. As experimentações realizadas através das práticas laboratoriais vão permitir que as imagens realizadas incorporem ocorrências aleatórias ou provocadas: causando manchas, variações tonais, apagamentos da imagem e metalizações. Tais intervenções oferecem à imagem final um caráter perturbador, preocupando-se com os contextos de produção e intervenções da fotografia após a realização de uma imagem.

Alquimia

NATHÁLIA DOS SANTOS SILVA, SÉRIE MÃOS, SEM TÍTULO #1, PROCESSOS HÍBRIDOS, CIANOTÍPIA COM EMULSÃO PHYTOTYPE SOBRE PAPEL, 2011, 21 X 29,7 CM



ANA RITA GRACIOLA, SÉRIE ANEIAS DA INFÂNCIA, SEM TÍTULO #1, CIANOTÍPIA SOBRE PAPEL, 2011, 21 X 29,7 CM



RENAN KOMALCZUK DE OLIVEIRA, SÉRIE GUY BUREAU, CIANOTÍPIA SOBRE PAPEL, 2011, C. 15 X 22,5 CM

AS FOTOGRAFIAS DESTA PÁGINA FORAM PRODUZIDAS NA DISCIPLINA LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO II, REALIZADA NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2011 E MINISTRADA PELA PROFESSORA ANDREA BRACHER, DA FABICO-UFRGS.

O lugar dos Grandes Mestres

Educação

A tarefa do professor é um fator decisivo na vida da academia, responsável pela formação profissional e humana de sucessivas gerações

TEXTO **JACIRA CABRAL DA SILVEIRA**

FOTOS **FLÁVIO DUTRA** E **ACERVO MUSEU DA UFRGS**

ILUSTRAÇÕES **BIANCA PINHEIRO / NIQ**

A memória dos alunos será sempre o lugar dos Grandes Mestres. Durante uma série de entrevistas com professores eméritos da UFRGS, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Universidade, o nome de quatro docentes se repetiu ao longo das conversas como sendo fundamentais na formação intelectual e política de cada um dos entrevistados. Os professores lembrados foram: Graciema Pacheco (1910-1999), Ernani Maria Fiori (1914-1985), Gerd Alberto Bornheim (1929-2002) e Leônidas Xausa (1932-1998).

Ao resgatar a história desses Grandes Mestres da UFRGS, o *Jornal da Universidade* comemora seus 15 anos de existência lançando o *Caderno JU*. A cada edição, o caderno trará um assunto diferente com uma abordagem jornalística aprofundada. A escolha do tema de estreia procurou lançar luz sobre a tarefa docente como aspecto central na vida da academia, responsável pela formação profissional e humana de gerações que têm se destacado no cenário nacional e internacional em diferentes áreas do conhecimento.

Ao serem mencionados os nomes de Graciema, Ernani, Gerd e Leônidas, faz-se um recorte no tempo da vida social e política brasileira que coincide com os anos de chumbo da ditadura militar. Dentro desse contexto, três dos quatro professores mencionados sofreram o expurgo, sendo afastados da UFRGS pelas ideias externadas em sala de aula, ou por suas posições de apoio ou negociação com estudantes em greve. Outra marca do perfil desses docentes é que todos tiveram uma formação humanista como Direito, Filosofia e Didática, tendo ministrado suas aulas no antigo prédio da Filosofia – por esse motivo escolhido para ilustrar a capa desta edição.

Entretanto, a Universidade também exerceu forte influência na sociedade gaúcha naquela época em outras as áreas. Além dos professores homenageados neste caderno, houve um grande número de docentes de outros campos do conhecimento que marcaram a história rio-grandense e brasileira. A Escola de Engenharia, por exemplo, foi determinante na formação de profissionais ligados à construção de estradas e ferrovias.

O curso de Medicina é outro exemplo influente na expansão, tanto profissional quanto estrutural da saúde no estado: em 1961, foi criado o Departamento de Cirurgia, que reuniu diversas cátedras e deu início à cirurgia

cardiovascular no estado. Sete anos depois, seria inaugurado o Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Considerando o período escolhido, os cursos de Direito e Engenharia formariam futuros personagens da vida política no Brasil ainda que em polos opostos, como Leonel Brizola e Ildo Meneghetti, ambos graduados na Escola de Engenharia e personagens centrais nas turbulentas décadas de 1960 e 1970. Brizola (PTB) era governador do Rio Grande do Sul quando da renúncia do presidente Jânio Quadros, em agosto de 1961, e liderou a campanha da Legalidade que reivindicava a posse de João Goulart, vice de Jânio. Do outro lado, Ildo Meneghetti (PSD), governador do estado na deflagração do golpe de 1964, era apoiado por uma sigla que reunia todos os partidos conservadores gaúchos, a Ação Democrática Popular (ADP).

Nas ruas, as passeatas de recepção aos calouros da UFRGS destacavam-se como as principais formas de protesto do movimento estudantil, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Segundo a professora do departamento de História da UFRGS, Cláudia Wasserman, essas passeatas “eram marcadas pelo humor e satirizavam os principais alcoses da ditadura no país e no estado”.

A maior manifestação estudantil do período ocorreu em agosto de 1968 e ficou conhecida como o Protesto da Catedral, quando estudantes tentaram ocupar a Praça da Matriz e foram duramente reprimidos pela Brigada Militar. Eles estavam “embalados pelos protestos de maio na França e pela morte de Edson Luís [primeiro estudante morto pela ditadura] no Rio de Janeiro”, explica a professora.

Anos antes, em 1962, outra manifestação estudantil marcaria a vida acadêmica da UFRGS. Foi a Greve do Um Terço, considerada a maior luta pela democratização da universidade brasileira. Dirigida pela União Nacional dos Estudantes (UNE), a mobilização exigia que cada uma das categorias ocupasse 1/3 das cadeiras dos conselhos universitários. Foi uma greve histórica que durou 85 dias, paralisando todas as universidades federais no país.

Até então, Fiori era considerado um professor brilhante, mas conservador. Porém, sua atitude nesse episódio representou uma guinada em sua vida docente. Essa mudança e tantas outras histórias que fizeram de Graciema, Fiori, Bornheim e Xausa os Grandes Mestres da UFRGS de várias gerações está brevemente contada nesta primeira edição do *Caderno JU*.

A fachada do prédio que abrigou a antiga Faculdade de Filosofia em foto de 1953



Desafiados por Graciema Pacheco

Getúlio Vargas nomeou Graciema Pacheco para a cátedra de Didática da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul em 1947, que concentrava todos os cursos de licenciatura, inclusive o de Pedagogia, no qual ela já ministrava a disciplina de Psicologia desde 1945. A possibilidade de atuar junto a diferentes cursos, fez com que Graciema marcasse a formação e a prática profissional de várias gerações.

“Em certo momento, ela muda minha cabeça como educador”, comenta o professor emérito da UFRGS, Luiz Osvaldo Leite, referindo-se às aulas que teve com a docente de 1956 a 1957, quando se licenciou em Filosofia. “Eu venho de uma geração em que as aulas eram expositivas até no curso secundário. Mas Graciema me ensinou o seguinte: ensinar não é só ensinar, existe sempre uma dupla relação. Só há ensinar quando há o aprender. A relação professor e aluno. Precisa alguém para ensinar e alguém para aprender”, repete as palavras de sua mestra.

Merion Bordas, também professora emérita da Universidade e ex-diretora da Faculdade de Educação (Faced), não só estudou com Graciema como foi convidada por ela para ser uma de suas assistentes na disciplina de Didática. “Era típico dela começar a aula e, lá pelas tantas, dizer ‘agora continua minha filha’, e a gente tinha que continuar”, recorda. Embora sempre provocassem um frio na barriga, esses momentos desafiadores serviram para que as assistentes intensificassem seus estudos ao prepararem as aulas de didática por noites a fio. “Mas ela fugia do planejamento e tínhamos que inventar na hora”, acrescenta.

Antes mesmo de atuar como catedrática, Graciema já dera aula no Instituto de Edu-

cação General Flores da Cunha, onde era responsável pela disciplina de Psicologia, área que estudara durante sua formação na Escola Complementar. Na década de 1920, após concluir o curso Normal, fez um aperfeiçoamento filiado ao movimento de renovação dos conhecimentos em educação. Esse movimento era ligado a um grupo de Jean Piaget, cujas primeiras obras estavam sendo publicadas, causando grande repercussão, sobretudo na psicologia genética. “Fui eu que falei pela primeira vez nele [no Rio Grande do Sul]”, disse certa vez Graciema numa entrevista, gabando-se por conseguir as obras do autor suíço através do Instituto Jean-Jacques Rousseau.

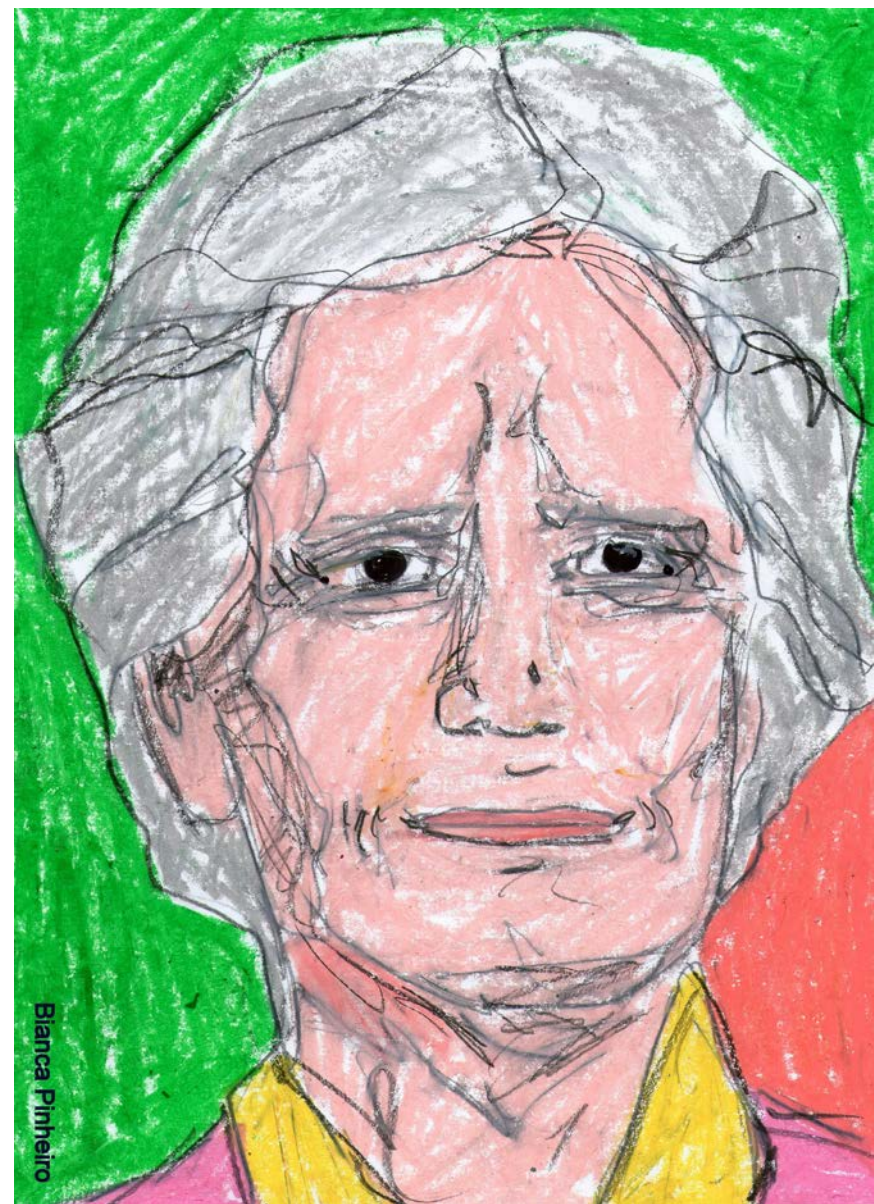
O interesse pela pesquisa em educação foi um dos fatores que impulsionaram Graciema a fundar, em 1953, o Colégio de Aplicação, do qual foi diretora por 28 anos. Um de seus objetivos era transformá-lo num centro de pesquisa para onde levava suas alunas que se destacavam na disciplina de didática. “Era uma honra trabalhar com ela no Aplicação”, salienta Merion, que lecionou naquela instituição à convite de sua professora. “O Colégio era uma espécie de pós-graduação. Tanto o grupo de alunos como o de professores era diferenciado. Todos os meninos da época vinham de famílias intelectualmente desenvolvidas e os docentes eram muito exigidos”, contextualiza.

“A disciplina do Colégio, sobretudo no trabalho, marcou profundamente a minha atividade, inclusive no curso superior”, declara Donald Schüller, professor emérito da UFRGS. “Nós não tínhamos livro didático e os programas de ensino eram construídos dentro de algumas regras estabelecidas com os próprios alunos. Eles eram participantes

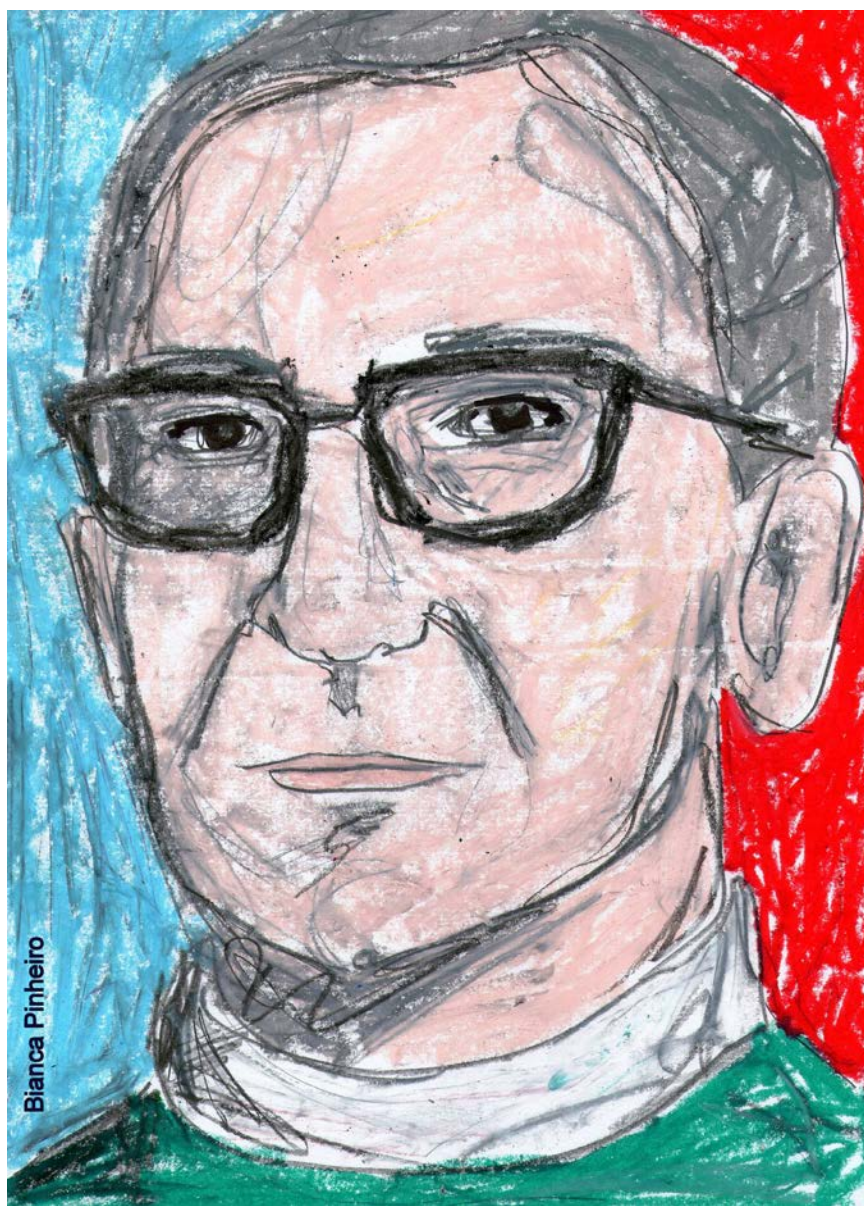
do seu processo de educação”, lembra Donald ao relatar a sistemática do trabalho desenvolvido no Aplicação.

Entretanto, contrariando esse perfil inovador quanto às questões de aprendizado, Graciema tinha comportamentos conservadores, que denotavam sua formação moral católica. Na avaliação de Leite, esse teria sido o motivo de a professora ter saído ileso do período militar, que vitimou os demais mestres relacionados neste Caderno. “Em termos políticos era mais conservadora, mas foi revolucionária em educação”, reconhece.

Merion também tem exemplos nesse sentido. Ela conta sobre o dia em que Graciema, ao vê-la com um vestido sem mangas e decotado, perguntou-lhe: “Minha filha, quem sabe tu colocas um bolerinho”. Muito jovem e bonita, ela apenas sorriu constrangida. “Ela era toda exigente com relação à roupa. A gente tinha que se vestir absolutamente sem charme, feito freira”, acrescenta, mas reconhece que esse era o pensamento vigente nas escolas de magistério, e que não era uma ideia exclusiva de sua professora. Até porque: “Dona Graciema tinha coisas muito especiais, ela marcou nossa geração”.



Ensinar não é só ensinar, existe sempre uma dupla relação. Só há ensinar quando há o aprender



O brilhante Ernani Fiori

“A Universidade deve iniciar, em seu próprio plano, a democratização que queremos estender a todos os setores da vida social. E se pretendemos, sinceramente, a democratização da vida econômica, da vida política, da vida social, então, senhores universitários, comecemos desfaldando a democratização da cultura.” Esse trecho é parte da palestra que Ernani Maria Fiori, então diretor da Faculdade de Filosofia da UFRGS, proferiu no Seminário de Reforma Universitária, a convite da União Estadual dos Estudantes do Rio Grande do Sul (UEE) em junho de 1962.

Fiori buscava dialogar com os estudantes, comentando os pontos principais de suas reivindicações externadas na Greve do Um Terço, mobilização que exigia que cada uma das categorias (alunos, técnicos e docentes) ocupasse 1/3 das cadeiras nos conselhos universitários.

Na avaliação do professor Luiz Osvaldo Leite, colega e amigo de Fiori, a conversão do diretor a um pensamento mais de esquerda decorreu da convivência com os filhos já universitários e militantes da greve.

Essa conferência iria marcá-lo completamente, provocando grande repercussão entre os seus colegas professores que romperam com ele. Todos, seus antigos amigos de juventude, colegas anchietanos e congregados marianos: Aldo Magalhães, Armando Câmara e Laudelino Medeiros. Este último participaria da comissão de inquérito constituída em 1965 na Universidade, que definiu Fiori como “comunista da ala católica” que “liderava a ação dos comunistas na Faculdade de Filosofia”. Mas Laudelino renunciou quando teve de enfrentar seu colega como réu na comissão. Ao final da investigação, Fiori foi expurgado sem direito a salário ou aposentadoria.

No mesmo ano, ele seria convidado pelo reitor da UnB para assumir o departamento de Filosofia, sendo demitido poucos meses depois devido a pressões políticas. Mais de 200 professores, inclusive o reitor pediram demissão depois desse episódio. Ainda em 1965, Fiori é exilado no Chile.

“Ele não era comunista”, garante Leite, pelo contrário, era católico praticante e não se sentia constrangido com isso. “Todos sabiam que ele tinha por hábito ir à igreja aos domingos, e que frequentava a procissão de Corpus Christi”, diz o amigo.

“Ele era extraordinário, não só pela didática, ou pela maneira como sabia expor a matéria, mas também pelo relacionamento que mantinha com os alunos. Era muito acolhedor”, recorda José Neri da Silveira, professor emérito da UFRGS e que também estudou com Fiori. “Era um professor no sentido próprio da palavra”, define.

Brilhante, mas difícil, garante Merion Bordas, também ex-aluna de Fiori. Ela recorda o primeiro

dia de aula da disciplina de Introdução à Filosofia, para os calouros do primeiro ano, em 1958: “Ele chegou à aula e disse que queria conhecer o grupo. Perguntou quem sabia ler em francês, a maioria levantou o dedo, éramos cerca de 30. E alemão? Os que eram da colônia levantaram a mão. E grego? Não tinha ninguém. Ele então nos olhou fixamente e disse: ‘Como vocês querem estudar Filosofia se não conhecem alemão, grego e latim’. Era um professor muito exigente”, afirma.

Assim como seus contemporâneos, Fiori não deixou obras escritas. De acordo com Leite, em seu estudo sobre *Gaúchos Filósofos*, no qual pesquisou os pensadores do estado entre as décadas de 1970 e 1980, esses filósofos eram socráticos e sua preocupação exclusiva era lecionar.

Luiz Gilberto Kronbauer, estudioso do pensamento filosófico e pedagógico de Fiori, afirma que o professor publicou pouquíssimos textos sistemáticos, sendo que a maioria deles está reunida nos livros *Textos Escolhidos I e II*, lançados pela L&PM. “No entanto, ele pensou filosoficamente a vida desde muito jovem. Já em 1934, em seu artigo *Universidade e Usina*, demonstrava grande preocupação com os problemas sociais”, contribui.

Preocupações que o aproximaram ainda mais do educador Paulo Freire, a quem conhecera na década de 50 e com quem conviveu durante seu exílio no Chile. Em entrevista à revista *Educação e Realidade*, Freire descreve Fiori: “Se você me pergunta agora os temas básicos sobre os quais conversamos naquele dia, naquela manhã dos anos 50, eu não saberia dizer. (...) mas, quando deixei a casa de Ermani, trouxe comigo algumas convicções: a primeira é de que eu havia conhecido um homem extraordinário (...); a outra convicção era de que eu iniciara uma nova amizade”.

A Universidade deve iniciar, em seu próprio plano, a democratização que queremos estender a todos os setores da vida social

“Sabes o que é um professor começar a dar aula e os alunos ficarem totalmente parados, estáticos e, quando ele termina, ninguém se mexeu ainda?” Assim eram as aulas de Gerd Alberto Bornheim, na avaliação de Merion Bordas, ex-diretora da Faculdade de Educação (Faced) e aluna de Gerd. De aparência elegante, o caxiense despertava suspiros de suas alunas. Entretanto, era o brilhantismo de suas explicações que atraía o interesse de suas turmas na Faculdade de Filosofia: “É muito bonito e raro ter aulas desse modo. O Xausa também era assim. O mesmo se pode dizer do Eloy Julius Garcia. São professores que gostam da vida e gostam de gente. A primeira coisa que uma pessoa tem que gostar para ser professor é de gente”, garante Merion.

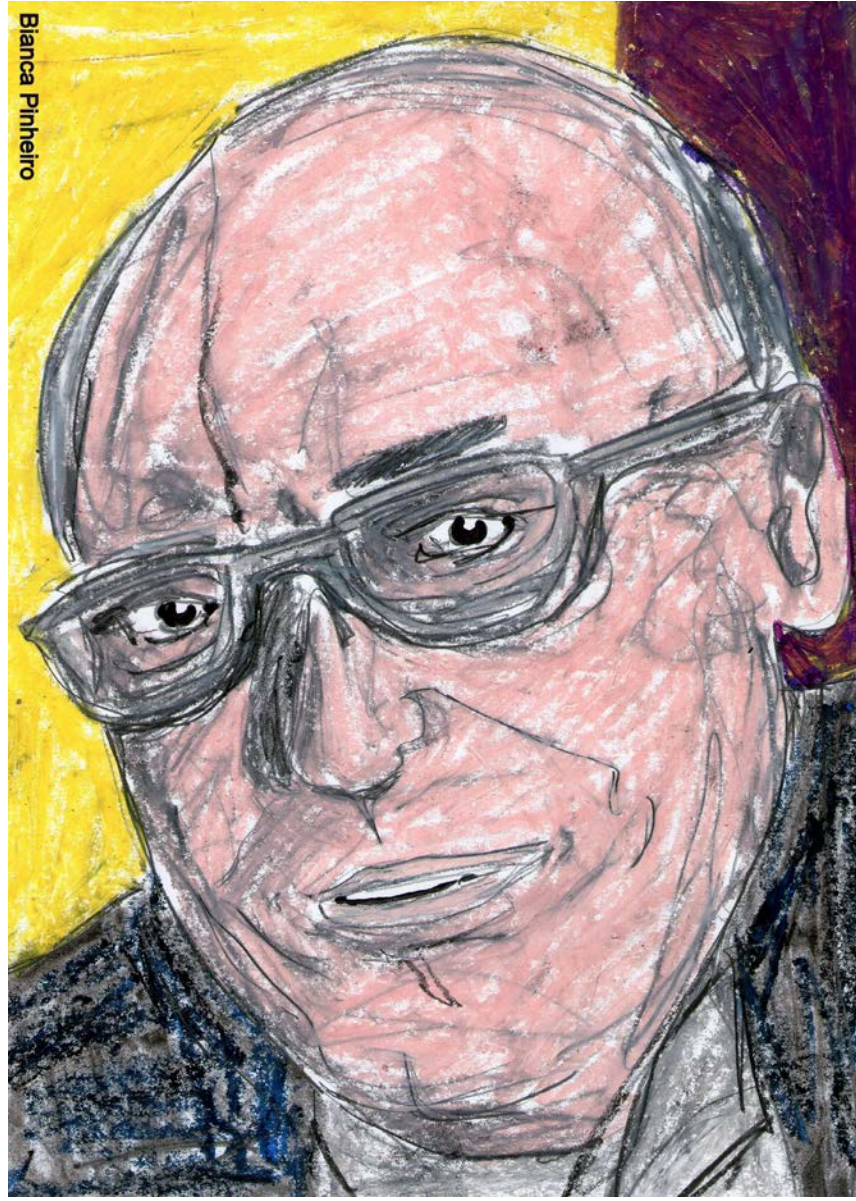
Gerd formou-se em Filosofia pela PUCRS, curso que se caracterizava por sua vertente tomista (doutrina cristã e metodologicamente rígida). Depois de graduado, fez concurso e ingressou na UFRGS. Mas tarde, foi estudar na Alemanha, entrando em contato com o pensamento existencialista europeu, cujos principais expoentes eram Martin Heidegger (1889-1976) e Karl Theodor Jaspers (1883-1969). De passagem pela França, ele passa a ler Jean-Paul Sartre (1905-1980), para quem o tema Deus sequer devia ser levantado.

Ao regressar ao Brasil, em 1955, para lecionar Filosofia na UFRGS, ele é muito cauteloso ao expor suas ideias. Até 1957-58 o tomismo dominava o pensamento nas faculdades de filosofia, mas isso começa a mudar com a força do pensamento de Gerd (existencialista) e também com Valério Rohden, que estudou na Itália e tornou-se um dos maiores especialistas brasileiros na filosofia de Immanuel Kant.

A partir de 1958-59 o movimento estudantil e muitos professores se tornaram marxistas. Nesse período, todos os centros acadêmicos elegem alunos comunistas para suas direções, e os estudantes passam a apoiar os professores de esquerda. “Nesse contexto, como o Gerd na Filosofia era uma voz dissonante com relação ao tomismo, ele passou a ser denominado como de esquerda. Ele foi a grande linha dissonante”, relata Luiz Osvaldo Leite, professor emérito da UFRGS.

Em novembro de 1969 Gerd foi cassado, não porque tivesse algum envolvimento com organizações políticas clandestinas, mas porque suas ideias influenciavam os jovens universitários que integravam o movimento de resistência à ditadura militar. Com a repressão que se desenvolve após o golpe de 1964 e se agrava no fim de 1968, com a edição do AI-5, Gerd acaba impedido

A filosofia e a arte de Gerd Bornheim



Bianca Pinheiro

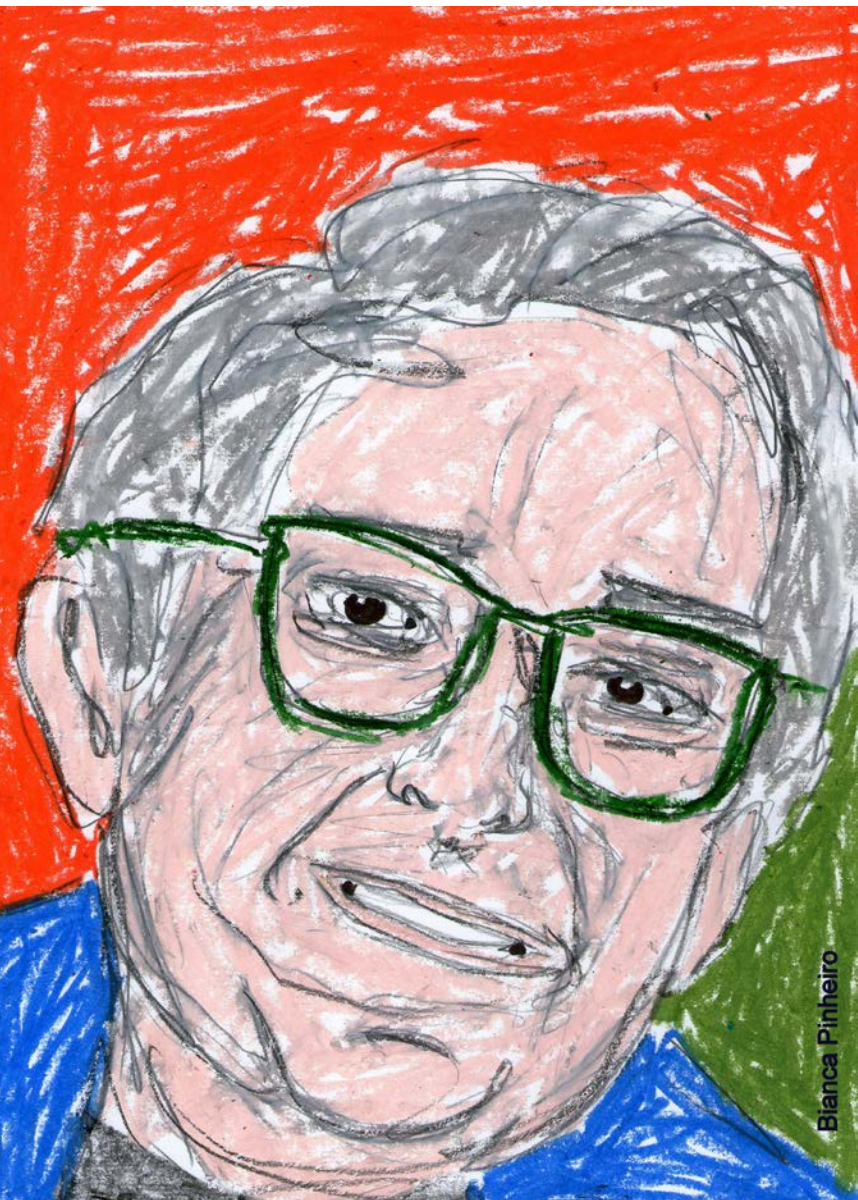
de trabalhar como professor. Para sobreviver, passa dois anos lecionando em um curso pré-vestibular e todos os meses é chamado a depor na Polícia Federal.

Quando o Instituto de Filosofia da Universidade de Frankfurt o convida para dar aulas, em 1972, ele aceita e se vincula à universidade alemã durante um semestre letivo. Depois, segue para Paris, onde mora por quatro anos, dando aulas de alemão e cuidando da organização de uma galeria de arte no Boulevard Saint-Germain. Retornando ao Brasil, em 1976, não volta a dar aula na UFRGS. Com a anistia, em 1979, é convidado a lecionar filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na qual permanece até 1991, quando se aposenta. No entanto, sua vocação para o magistério o leva novamente para a sala de aula e ele ingressa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) ainda nos anos 90.

Ao contrário de seus colegas em destaque neste caderno, Gerd deixou um grande número de trabalhos publicados, entre os anos de 1959 e 1998, tematizando especialmente a filosofia e a arte. Em 2002, ano de seu falecimento, a Folha de S. Paulo escreveria sobre o filósofo-professor: “Dentre os filósofos brasileiros, Gerd Bornheim foi o mais querido pela gente de teatro. Tinha como ninguém o prazer do espetáculo, a admiração pela forma transitória da cena, por uma ficção condicionada à presença física dos atores”. Saía de cena mais um grande mestre.

Dentre os filósofos brasileiros, ele foi o mais querido pela gente de teatro

Leônidas Xausa era um visionário



Bianca Pinheiro

Ele marcou uma geração e estimulou a vocação acadêmica em muitos dos seus alunos

Leônidas Xausa Filho lembra-se de seu pai preparando as aulas à noite e nos finais de semana. Ficava durante horas lendo em sua biblioteca pessoal, fazendo anotações para sua disciplina de Ciência Política na Faculdade de Filosofia da UFRGS. Nas prateleiras, mais de três mil obras com edições em diferentes idiomas, algumas trazidas do tempo em que fez pós-graduação em Direito Público do Governo na Columbia University, em Nova York, na década de 60. Essa biblioteca, após sua morte em 1998, foi doada pela família para o Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade.

Nos finais de tarde e no início da noite, era comum o professor receber seus alunos mais próximos para ampliar as discussões abordadas em sua disciplina. “Reuníamos-nos geralmente à noite e, enquanto

esperávamos que ele terminasse o jantar, ficávamos em sua biblioteca folheando e explorando avidamente seus livros”, recorda Helgio Trindade, ex-reitor e professor emérito da UFRGS, sucessor de Xausa como titular de Ciência Política.

“Ciência Política, era a paixão de meu pai”, conta Leônidas Filho, “nenhuma outra atividade lhe dava maior satisfação do que estar em sala de aula”, completa. Por isso, foi extremamente doloroso para o professor ser afastado arbitrariamente de sua carreira docente em 1969, quando foi expurgado da Universidade pela ditadura militar. Ele foi o único do Departamento de Ciências Sociais atingido pela ditadura militar por protestar e solidarizar-se, publicamente com os professores de sociologia e política da USP aposentados pelo regime: Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Otávio Ianni.

Segundo Helgio Trindade, seu mestre e amigo combinava domínio da matéria com carisma pessoal e brilhantismo verbal. Sua disciplina de Política era a única que fazia parte, nos anos 60, do curso de Ciências Sociais sob a hegemonia da Sociologia de Laudelino Medeiros e sua equipe de assistentes. As aulas de Xausa tratavam de Teoria Política Grega.

“O prestígio do seu curso atraía uma centena de alunos de outras áreas (da Filosofia, da História, do Direito, da Economia, etc.), que se apinhavam na maior sala da Faculdade de Filosofia (310). Ele foi um mestre que marcou uma geração e estimulou a vocação acadêmica em muitos dos seus alunos que fizeram carreira na UFRGS e em outras universidades”, registra Trindade. “Ele mudava a ideologia das pessoas. Eu era uma conservadora quando entrei

e também mudei”, atesta Maria Helena Veit, professora emérita.

Essa relação contínua entre o mestre e seus discípulos, acalentou os primeiros sonhos de expansão da cadeira de Política, estimulando um grupo de ex-alunos a fazerem seu doutorado no exterior: Helgio Trindade, na Université de Paris I (França); Francisco Ferraz, em Princeton (EUA); Benicio Schmidt, em Stanford (EUA); Plínio Dentzien, na University of Michigan (EUA).

Trindade lembra que o primeiro projeto de pesquisa sobre comportamento político e eleitoral resultou da capacidade de Xausa em obter, por cinco anos, apoio financeiro da Fundação Ford. “A história do departamento e da pós-graduação, com a participação de sucessivas gerações de professores, tem sua origem na inspiração de um mestre visionário que estabeleceu as bases de um processo institucional e acadêmico de longa duração”, destaca o professor, atualmente reitor da Universidade Federal da Integração Latino-americana (Unila).

Originalmente, Xausa foi filiado ao Partido Democrata Cristão (PDC), tendo sido vereador em Porto Alegre e secretário de governo do prefeito Loureiro da Silva (1937-1943). Mas um infarto aos 29 anos interrompeu sua promissora carreira política. Resignado com impossibilidade de dedicar-se à vida partidária, decide fazer pós-graduação na Columbia University. A radicalização política da década de 60 leva-o a identificar-se com a ala da esquerda do PDC e a aderir à Ação Popular (AP), grupo de esquerda católica que teve presença hegemônica no movimento estudantil gaúcho e nacional. Mas “Xausa foi um professor por excelência”, encerra Trindade.

O domínio do conteúdo, bem como a fluência em abordá-lo em sala de aula, ainda são condições importantes para ser professor universitário

Aulas magnas



Em 1964, Merion Campos Bordas graduou-se na Licenciatura em Filosofia pela UFRGS. Foi aluna de Ernani Fiori, de Gerd Bornheim e de Graciema Pacheco, com quem trabalhou como assistente na disciplina de Didática Geral, que era oferecida a estudantes de diferentes cursos.

Assim como seus mestres, Merion, que anos depois seria diretora da Faculdade de Educação (Faced) por duas gestões (1996-2000 e 2000-2004), experimentou a difícil tarefa de ser professora no período da ditadura militar. Ela revela que só se sentia um pouco mais protegida porque possuía dupla cidadania por ser casada com um francês: “Eu poderia ir embora se fosse o caso”, justifica.

Mesmo assim, narra um episódio ocorrido no final de uma de suas classes, durante as quais estimulava sua turma a falar, discutindo diversas questões com espírito crítico. Ao sair, um de seus alunos, após comentar que gostava muito de suas aulas, pediu que ela falasse um pouco menos sobre os temas que vinha abordando: “É que sou do DOPS”, avisou.

Aulas magnas – É como Merion define as aulas de seus professores durante o curso de Filosofia. Segundo a doutora em Educação, tanto Fiori, quanto Graciema e Bornheim evidenciavam o completo domínio do conteúdo, e mesmo sendo encontros eminentemente expositivos eram capazes de prender a atenção de uma classe.

“É o retrato de uma época”, avalia a educadora. Entretanto, garante que o domínio do conteúdo, bem como a fluência em abordá-lo em sala de aula, ainda são condições importantes para ser professor universitário.

A exigência intelectual para com seus alunos, característica comum entre os catedráticos, é outro aspecto que Merion considera positivo e que deve permanecer na prática pedagógica ainda hoje. Mas não é isso que vem ocorrendo, observa a docente, para quem a democracia tem sido confundida com a permissividade. “As pessoas precisam ser exigidas de alguma forma, para se superarem, não para serem oprimidas. Aprender é ir mais além e acho que foi isso que me marcou com esses meus mestres.”

Mesmo sendo amiga pessoal de Gerd, Merion conta que ele nunca facilitou ou exigiu menos dela. Como para suas aulas era necessário ler muito, ela e os colegas tinham grupos de discussão e se reuniam sempre depois das atividades na universidade. Sentavam-se do outro lado da rua do prédio hoje chamado de Anexo I da reitoria, para discutir filosofia no bar do Mário: “Era ali nosso ponto de encontro e de discussão”.

Paixão – No ano em que o Colégio de Aplicação completou 50 anos, em 2004, Merion participou da festa de comemoração. Quando ela se preparava para ir embora, um jovem senhor aproximou-se, pediu licença aos filhos que a acompanhavam e falou: “Essa aqui foi a primeira mulher por quem me apaixonei”. A professora achou graça da espontaneidade de seu ex-aluno.

Diferente das dos catedráticos, as aulas de Merion nunca foram eminentemente expositivas, pois ela sempre condenou práticas pedagógicas que se baseassem apenas no conhecimento técnico ou teórico dos professores. Ela raramente falava mais do que 15 minutos em uma disciplina com uma hora de duração.

“Quem tem de dizer alguma coisa são eles [os alunos]. Eles é que precisam pensar, usar a cabeça, raciocinar, discutir. Nas minhas disciplinas sempre foi assim”, explica. E confessa ter aprendido isso com seus alunos do Colégio de Aplicação “meninos muito desafiadores, que liam, frequentavam o teatro, estudavam inglês e francês”.

Por certo não foram somente os olhos azuis de Merion que ficaram cravados na memória

do ex-aluno que ela reencontrou na festa do Aplicação, mas a forma dela conduzir suas aulas.

Para a educadora, o conceito de didática é a criação de um ambiente propício à aprendizagem. Noção que aprendeu com Graciema Pacheco que, apesar de moralmente rígida por sua criação católica, foi capaz de idealizar um colégio inovador e intelectualmente instigante, desacomodando a letargia cognitiva dos alunos.

Para ilustrar, Merion lembra de uma de suas turmas de didática, com alunos do curso de Educação Física. Ela e a colega com quem dividia a responsabilidade pela disciplina resolveram colocar em prática umas leituras novas que vinham fazendo sobre a metodologia de Roger. “Preparamos uma sala ambiente com toca-discos, gravuras e vários outros objetos.” Os alunos entraram, sentaram, e permaneceram calados, esperando alguma instrução.

Só que não houve instrução, mas uma pergunta: “O que vocês querem fazer? O que vieram fazer nessa disciplina?”. O silêncio continuou. Nova pergunta: “Não tem nada para fazer aqui? Pensem mais um pouco”. Apenas na terceira aula consecutiva sem conhecer a voz de seus alunos é que as professoras ouviram: “Tudo bem, nós vamos fazer alguma coisa”. No final do semestre, um dos alunos mais atléticos pediu a Merion que olhasse bem para ele e conferisse se não estava saindo fumaça de sua cabeça.

“O procedimento [que envolveu outras propostas além daquela que desencadeou todo o processo] era didático, pois fez com que os estudantes pensassem. O conteúdo era o de menos, o que valia era a provocação, o desafio”, resume Merion que no final da década de 50 e início dos anos 60 foi intelectualmente desafiada pelas “inesquecíveis aulas magnas” de seus grandes mestres.

Hábito – Merion costuma dizer que estudar exige esforço, que aprender não é um fenômeno que ocorre por milagre: “É preciso muito trabalho, significa dedicar algum tempo para aquele assunto. Você tem de criar o hábito de sentar diante de um livro, nem que seja para ler dez páginas por dia, e que saiba dizer depois sobre o que leu”. O problema, segundo a professora, é que as crianças não são alfabetizadas além de “juntar letrinhas”, por isso quando adultos têm dificuldade de entender e interpretar o que leem.

E a deficiência escolar de base fica ainda mais grave, na avaliação da professora, quando o estudante chega à pós-graduação com carências como o domínio de um ou mais idiomas além do português: “Fico muito assustada com os alunos que não conseguem ler nem em espanhol. No pós-graduação não admito, mas cada vez mais isso ocorre”, reclama. Isso acontece “porque não se exige em lugar nenhum que esse aluno saiba outro idioma”, critica. “Fiz exame oral de latim para entrar na universidade”, compara, “e estudei francês e inglês no ginásio”, acrescenta.

Ainda que alguns estudantes argumentem falta de tempo para estudar porque trabalham, mais uma vez, Merion fala de determinação, hábito e sistemática. Ela fez duas graduações trabalhando. Durante o curso de Direito, era secretária executiva do diretor de uma grande empresa, com uma jornada diária de oito horas: “Eu nunca podia sair antes, só fui liberada no último ano”, recorda.

Mas como a Faculdade de Direito tinha frequência livre, Merion estudava à noite na casa de uma colega que frequentava às aulas, fazendo intermináveis anotações a partir dos apontamentos da amiga. E, quando podia assistir às aulas anotava tudo, todas as falas dos professores, usando sua habilidade como taquígrafa. “Depois transcrevia e passava para o povo”, diverte-se ao lembrar.

Lições em casa

O pai de Merion era jornalista autodidata e dono de extensa cultura. Quando saía para trabalhar, dava à filha de oito anos de idade um assunto sobre o qual ela deveria fazer uma redação. Quando ele voltasse depois do expediente, a menina deveria contar sobre o que escrevera. A professora relembra uma noite, por volta dos anos 1940, quando a França havia

sido ocupada pelos nazistas: Merion e sua mãe ouviam a BBC de Londres, que transmitia uma missa na Catedral de Notre Dame, na qual as pessoas rezavam porque Paris estava sendo invadida. “Querida que meus filhos lembrassem de algo assim. Eles sabem muita coisa, mas eu, na idade deles sabia muito mais”, comenta sobre as lições que aprendeu em casa.